

FERNANDO DREZZA



1290000089



FE

TCC/UNICAMP D829p

A PARCERIA ENTRE ESCOLA PÚBLICA E CURSO DE PEDAGOGIA. AS  
CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS ENVOLVIDOS NO  
PROCESSO\*

CAMPINAS - SP

1998

\*Trabalho desenvolvido com o auxílio de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

FERNANDO DREZZA

A PARCERIA ENTRE ESCOLA PÚBLICA E CURSO DE PEDAGOGIA. AS  
CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO.

Trabalho de Conclusão de Curso  
Apresentado como exigência  
parcial para o Curso de  
Pedagogia, da Faculdade de  
Educação - Unicamp, sob a  
orientação da Prof.a. Dra.  
Mariley Simões Flória Gouveia.

Campinas - SP  
1998

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	YCC/UNICAMP
	D-329-p
V:	EX:
TOMBO:	089
PROC.:	124/03
C:	D: X
PREÇO:	R\$ 11,00
DATA:	31/10/2003
Nº CPD:	310363

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

D829p

Drezza, Fernando.

A parceria entre escola pública e curso de pedagogia :  
as concepções de professores e alunos envolvidos no  
processo / Fernando Drezza. – Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Mariley Simões Flória Gouveia.  
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual  
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educadores - Formação. 2. Educação. 3. Estágio  
supervisionado. 4. Prática de ensino. 5. Relação teoria e  
prática\*. I. Gouveia, Mariley Simões Flória. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Mariley Simões Flória Gouveia

---

Helena Costa Lopes de Freitas

---

Campinas, de julho de 1998.

Dedico este trabalho a todos aqueles que, integrados à laboriosa tarefa de educar,  
lutam com seriedade por um Brasil mais justo.

## SUMÁRIO

<b>I. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>II. METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
<b>III. ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>14</b>
<b>1. As Respostas dos Alunos.....</b>	<b>14</b>
1.1. A concepção dos alunos sobre a relação teoria-prática.....	19
1.2. A concepção de estágio e sua contribuição para a relação teoria- prática - o papel da teoria.....	21
1.3. Como melhorar a compreensão sobre a escola pública.....	23
<b>2. As Respostas dos Professores.....</b>	<b>27</b>
2.1. A concepção de estágio dos professores da Faculdade de Educação.....	27
2.2. As disciplinas do eixo prático - concepções de pesquisa em educação.....	29
2.3. A interação dos alunos com a escola pública.....	31
2.4. A formação do pedagogo para os dias atuais.....	34
2.5. Os professores e as alternativas para o aprimoramento do curso.....	35
<b>IV. DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>37</b>
<b>1. A Dialética da relação teoria-prática na formação do Educador.....</b>	<b>37</b>
<b>2. As sugestões dos docentes da Pedagogia.....</b>	<b>47</b>
<b>V. EU, O ALUNO PESQUISADOR.....</b>	<b>49</b>
<b>VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>VII. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>58</b>

## I. INTRODUÇÃO

A questão da relação teoria-prática na formação do educador, tema deste trabalho de pesquisa, tem sido abordada por diferentes teóricos da educação. Muitas das reflexões produzidas têm caminhado no sentido de contribuir, para a superação da dicotomia entre a teoria e a prática, ou seja, terminar com a separação entre os dois pólos da práxis na formação do educador.

O Trabalho de Freitas (1996) busca contribuir no sentido da ampliação dos conhecimentos referentes ao assunto; a autora analisa o trabalho das suas alunas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp, nas disciplinas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Habilitação Magistério, no ano de 1992. Essa publicação aponta para a necessidade de que o próprio trabalho pedagógico seja o eixo articulador entre a teoria e a prática, e de que o contato do aluno com a prática esteja presente desde o início do Curso de Pedagogia. Com isso se visa caminhar no sentido de superar a cisão entre teoria e prática, observada em muitos cursos, nos quais a teoria é vista primeiro, e o contato com a prática é deixado para o final do curso.

A concepção de relação teoria-prática presente em Freitas se materializou na estrutura curricular do Curso de Pedagogia da FE - Faculdade de Educação - da Unicamp, a partir de 1993, com a Reformulação desse Curso ocorrida no ano anterior.

Assim, passou a existir, desde o primeiro semestre de curso as disciplinas chamadas “práticas”, cuja função principal era de permitir o contato dos alunos com a escola desde o início de sua formação, visando com isso superar a dicotomia teoria-prática. O trabalho pedagógico vivido no interior dessas disciplinas deveria constituir-se no eixo articulador da formação dos futuros pedagogos.

A estrutura do núcleo comum do curso de Pedagogia, em que o eixo prático é evidenciado, é apresentada a seguir.

**ESTRUTURA CURRICULAR DO NÚCLEO COMUM DO CURSO DE  
PEDAGOGIA- MATUTINO E NOTURNO\***

1º.	Introdução à Pedagogia	Pesquisa e Prática Pedagógica I	Filosofia da Educação I	Psicologia da Educação I	Sociologia Geral
2º.	História da Educação I	Pesquisa e Prática Pedagógica II	Filosofia da Educação II	Psicologia da Educação II	Estrutura e Funcionamento do I e II Graus
3º.	História da Educação II	Pesquisa e Prática Pedagógica III	Didática	Psicologia da Educação III	Sociologia da Educação I
4º.	História da Educação III	Metodologia do Ensino de I Grau	História das Doutrinas Pedagógicas	Leitura e Produção de Textos	Sociologia da Educação II
5º.	Metodologia da Alfabetização	Prática de Ensino de I Grau	Didática Ensino Matemática	Didática Ensino História e Geografia	Didática Ensino de Ciências
6º.	Métodos de Pesquisa em Ciências da Educação	Estágio Supervisionado de I Grau	Estágio Supervisionado de I Grau	Fundamentos da Educação Especial	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO
7º.	Fundamentos da Educação Infantil	Seminário das Habilitações	Gestão Escolar	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO
8º.	Educação não Formal Educação Física	Trabalho Conclusão Curso I	Currículos e Programas	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO
9º.	Atividades Livres ou Eletiva	Trabalho Conclusão Curso II	Eletiva	Eletiva	DISCIPLINA SEGUNDA HABILITAÇÃO

\* BOLETIM DA PEDAGOGIA, no.3, FE/UNICAMP. mai. 1992. p.-8.

O eixo prático do curso que tem seu início desde o primeiro semestre, com a disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica I, e é constituído de disciplinas que têm a finalidade de possibilitar a integração das diferentes disciplinas em cada semestre e também de ser o espaço de interação com a realidade da escola. Assim os alunos de Pedagogia da Unicamp não tomam contato com a prática escolar somente no final do curso mas, ao contrário, começam a apreender a realidade da escola desde o início,

aproximando-se dessa forma, da proposta que visava ter o trabalho pedagógico como o eixo articulador de sua formação.

Segundo a ementa das disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica I, II, e III que é a mesma para as três disciplinas, pode-se perceber a importância concedida à prática como subsídio fundamental para a formação do pedagogo. A seguir é transcrita a ementa<sup>1</sup> dessas disciplinas: *“Espaço interdisciplinar destinado a fazer ponte com a realidade do aluno e a prática pedagógica das escolas, visando a análise global e crítica da realidade educacional. Debates com diversos profissionais buscando uma compreensão mais ampla da prática pedagógica. Iniciação científica através de pesquisas exploratórias na rede pública que conduzirão ao estágio final de curso. Este espaço também deverá ser utilizado para a integração horizontal das disciplinas dos semestres, cujos professores e alunos reunir-se-ão para debate de temas geradores.”*

As disciplinas que dão seqüência ao eixo prático da Pedagogia também caminham no sentido de fazer com que teoria e prática caminhem juntas em todo o percurso da formação dos alunos. A seguir são transcritas as ementas dessas disciplinas, que são: Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, Prática de Ensino na Escola de Primeiro Grau, Estágio Supervisionado de Primeiro Grau, Seminário das Habilitações, e Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

Metodologia do Ensino de Primeiro Grau: *“Trabalho de campo orientado para o diagnóstico dos componentes metodológicos envolvidos na prática educativa das escolas públicas de Primeiro Grau, procurando analisá-las no conjunto das determinações mais amplas a que estão submetidas. Numa perspectiva integrada à área de magistério, propor reflexões a partir da prática nas escolas, a serem encaminhadas para as metodologias específicas visando a continuidade do trabalho. Esta disciplina articula-se com os projetos e estudos desenvolvidos em Pesquisa e Prática Pedagógica I, II, e III.”*

Prática de Ensino na Escola de Primeiro Grau: *“Planejamento, desenvolvimento e avaliação dos projetos de ensino envolvidos nas práticas educativas de Primeiro Grau (1ª a 4ª séries). Essa disciplina articula-se com as disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica, e Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, dadas nos semestres anteriores. Constitui espaço para tratamento*

---

<sup>1</sup> Retirada de CATÁLOGO DE GRADUAÇÃO DE 1994 - UNICAMP.

*interdisciplinar das didáticas oferecidas simultaneamente a ela.*

Estágio Supervisionado de Primeiro Grau: *"Esta disciplina é seqüência da Prática I e destina-se ao planejamento, desenvolvimento e avaliação dos projetos de ensino envolvidos na prática educacional de Primeiro Grau (1ª a 4ª séries.)"*

Retomando a questão relativa à relação teoria-prática na formação do educador, temos que a ANFOPE, Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação, conforme o Documento Final VI Encontro Nacional-1992, também propõe que a formação do educador seja permeada tanto pela teoria quanto pela prática; é observado no referido Documento que "Em geral tem sido defendido que a teoria e a prática devem perpassar todo o curso de formação do educador e não ser restrita a uma disciplina (em geral Prática de Ensino) e nem a um momento particular do currículo." (p. 8) Além dessas considerações, é proposto no Documento da ANFOPE que a "Docência" se constitua na base da formação para todos os profissionais da educação.

A partir de 1993, ano em que as modificações curriculares acima descritas entraram em vigor, o currículo do curso de Pedagogia da Unicamp, além de possibilitar um espaço privilegiado de interação com a escola, e de articulação entre as disciplinas de cada semestre, também incorporou como obrigatória a habilitação Magistério das Séries Iniciais do 1º. Grau. Esta obrigatoriedade, além de atender o que fora proposto pela ANFOPE, foi adotada com a finalidade de valorizar a "Docência", pois até então a preparação para a mesma na Faculdade de Educação da Unicamp se configurava como opção, uma vez que ao aluno era permitido sair do núcleo comum do curso para qualquer uma das habilitações, sem a obrigatoriedade de cursar a referida habilitação.

A implantação dessa Reformulação na Pedagogia da Unicamp, embora visando extinguir um problema grave e crônico da formação de professores no nosso país, recebeu inúmeras críticas, tanto de alunos da Pedagogia, quanto de seus professores universitários, como também daqueles educadores que receberam esses alunos como estagiários em suas classes, nas escolas públicas.

Os alunos de Pedagogia, recém chegados ao curso, não compreendiam porque deveriam ir para a escola, e qual era a função deste contato, o qual nomeamos de **estágio inicial**; da mesma forma, os professores que os receberam não entendiam qual era o tipo de trabalho que os alunos deveriam desenvolver na classe e na escola.

Isso ocorreu pois os alunos, nos três primeiros semestres do curso, devido à especificidade do contato com a escola proposto pelas disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica, se colocavam na postura de observadores e questionadores do cotidiano escolar, e não como atuantes na realidade da escola. Os professores das escolas, acostumados que estavam a um tipo de estagiário mais ativo, cujas funções não se restringiam a observações e discussões, não compreenderam como esse estágio inicial poderia ser utilizado pelos alunos para a construção de seu conhecimento.

O problema que buscamos esclarecer neste trabalho de pesquisa surgiu desses questionamentos, ou seja, da dificuldade dos alunos e professores envolvidos no estágios iniciais de Pedagogia, realizados nas disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica, as chamadas PPPs, compreenderem como o contato com a escola poderia contribuir para a formação dos futuros pedagogos, e da nossa própria dificuldade, enquanto aluno de pedagogia, de realizar a conexão entre teoria e prática proposta por essas disciplinas.

**Dessa forma, buscamos, fundamentalmente, conhecer a forma como o estágio realizado em escola pública, desde o início do curso, havia contribuído para a formação do pedagogo, ou seja, como a estrutura curricular implantada em 1993 influenciou na formação dos alunos e alunas ingressantes na Pedagogia, nos anos de 1993 e 1994.** Também foi compreendido por este trabalho, devido à importância que este tópico contém, a sondagem das concepções dos professores da FE da Unicamp, sobre a formação dos pedagogos que atuam nas séries iniciais do Ensino fundamental, bem como a coleta de sugestões de atividades que, melhorando a formação dos alunos desta Faculdade, lhes proporcionaria ampliar sua compreensão sobre a escola pública.

## II. METODOLOGIA

Inicialmente, foi solicitada uma listagem à DAC - Diretoria Acadêmica da Unicamp - contendo o nome, RA, endereço e telefone dos alunos ingressantes em 1993 e 1994, no período diurno e que estavam ativos na universidade naquele momento (aluno ativo é aquele que está matriculado em alguma disciplina na universidade). Tais informações foram solicitadas visando permitir o acesso aos alunos que seriam entrevistados.

Com base na listagem recebida da DAC, que continha noventa e oito nomes de alunos, realizamos o sorteio inicial, a partir do qual chegamos a uma primeira listagem dos alunos que deveriam ser entrevistados. Na verdade, esta primeira lista foi alterada, pois, no momento em que alguns dos sujeitos eram contatados, eles aceitavam responder o questionário, entretanto, depois de alguns dias, quando eram questionados se realmente haviam respondido as questões, eles não nos devolviam os questionários respondidos. Por este motivo, foi necessário realizarmos sucessivos sorteios, para conseguirmos reunir os depoimentos necessários para a realização do trabalho. No total coletamos dezesseis depoimentos de alunos que, tomando-se em conta um universo de noventa e sete possíveis sujeitos, consideramos ser um número mínimo de sujeitos necessários para a realização da pesquisa.

Com relação ao questionário utilizado para a entrevista com os alunos, esse continha dois tipos de questões: as três primeiras que eram constituídas de alternativas, e as seis últimas, que eram abertas, exigindo do aluno certa reflexão e elaboração para serem respondidas. Nas três primeiras questões o aluno deveria responder, respectivamente: seu nome completo, em qual semestre do Curso de Pedagogia o mesmo (a) se encontrava, e em quais disciplinas do eixo prático ele havia ido à escola.

As seis últimas questões visavam sondar as percepções dos alunos em relação às suas experiências vividas no Curso de Pedagogia e, mais especificamente, nas disciplinas do eixo prático desse mesmo curso. Estas questões encontram-se transcritas a seguir:

4) Você recebeu orientação para agir na escola? Qual foi? Responda esta

questão para cada uma das disciplinas em que você foi à escola.

5) De que forma os dados coletados por você foram trabalhados nas disciplinas do eixo prático e nas demais disciplinas do semestre?

6) Para você, qual é o papel da sua interação com a escola para a sua formação enquanto pedagogo?

7) Qual a sua concepção sobre relação teoria-prática? Como a sua concepção esteve presente na forma como foram conduzidas as disciplinas do eixo prático?

8) Qual a sua concepção sobre estágio? De que forma o estágio contribuiu para que você conseguisse realizar a relação teoria-prática?

9) Dê exemplos de atividades que, em sua opinião, poderiam ser realizadas nas disciplinas do eixo prático, com o intuito de melhorar a sua compreensão sobre a escola pública.

Foram entrevistados os professores que lecionaram as disciplinas do eixo prático, no Curso de Pedagogia, para os alunos ingressantes nos anos de 1993 e 1994, conforme listagem fornecida pela Coordenação de Pedagogia.

Os professores foram contatados ou via telefone, ou pessoalmente; no momento do contato era feita uma breve apresentação do pesquisador e dos objetivos do trabalho de pesquisa, e também a solicitação de prestação do depoimento.

O roteiro utilizado para a condução das entrevistas com os docentes é apresentado abaixo:

1) Nome e departamento ao qual pertence.

2) Quais as disciplinas do eixo prático que já lecionou?

3) Como você seguiu as ementas dessas disciplinas? Seus alunos foram para a escola quando a ementa dizia que era para ir?

4) Qual a sua concepção de “estágio”?

5) Como se deu em sala de aula o trabalho dos dados coletados pelos alunos na escola? De que forma esse trabalho contribuiu para que os alunos pudessem realizar conexões entre teoria e prática pedagógica?

6) Qual é o papel da interação dos alunos da Pedagogia com a escola pública na formação desses alunos?

7) Em sua opinião, hoje devemos formar um pedagogo com quais características? Por quê? E quanto ao pedagogo que atuará nas séries iniciais do Ensino Fundamental, como deve ser a sua formação?

8) Dê exemplos de atividades que os alunos de Pedagogia podem realizar para melhorar a sua compreensão sobre a escola pública.

Inicialmente foram realizadas entrevistas gravadas em fitas cassete, que foram posteriormente transcritas. Entretanto, à medida que alguns professores eram contatados, os mesmos, em função da escassez de tempo, preferiram dar seu depoimento por escrito; então passou-se a entregar o roteiro com as questões para os professores, e os mesmos nos devolviam os roteiros com as respostas.

Também contribuiu para que mudássemos a metodologia de coleta de dados o fato de termos percebido que alguns professores, ao escreverem suas respostas, o faziam de forma mais concisa do que aqueles que nos relatavam os dados oralmente.

Dos dezoito professores trabalharam com as disciplinas de 1993 a 1996, foram encontrados somente quinze; três professoras não mais se encontravam na Unicamp.

Houve o caso de uma professora que se recusou a prestar o depoimento, e de outros dois que não devolveram os questionários respondidos.

Doze professores responderam questionários. Destes, oito prestaram depoimento, e quatro responderam somente por escrito. O índice de aceitação por parte dos professores foi significativo, sendo que apenas três professores recusaram-se a responder.

As entrevistas realizadas e os questionários respondidos pelos professores totalizam, portanto, doze depoimentos.

Por motivos éticos, os nomes dos alunos e professores entrevistados não serão revelados. Os sujeitos desta pesquisa são identificados por letras e números. Para os professores foi utilizado a letra P, e para os alunos, a letra E.

### III. ANÁLISE DOS DADOS

#### 1. As Respostas dos Alunos

De um total de vinte e um (21) questionários entregues, dezesseis (16) foram respondidos, sendo que quinze (15) eram do sexo feminino, e apenas um (1) dos entrevistados era do sexo masculino.

Com relação ao semestre em que as (o) alunas (o) se encontravam no momento em que o questionário foi respondido, temos: onze cursavam o oitavo semestre, um aluno cursava o quinto semestre, e quatro alunas já estavam formadas.

O Curso de Pedagogia da Unicamp, a partir de 1993, passou a ser integralizado em nove semestres. Portanto, as alunas entrevistadas que cursavam o oitavo semestre já estavam prestes a concluir o curso; e o aluno entrevistado, que cursava as disciplinas do quinto semestre, estava portanto na metade do percurso de sua formação na Pedagogia.

Quanto ao número de disciplinas do eixo prático em que os alunos foram à escola, temos os seguintes dados, que podem ser observados na tabela abaixo:

Alunos	Nº de disciplinas
0	1 disciplina
2	2 disciplinas
5	3 disciplinas
3	4 disciplinas
3	5 disciplinas
3	6 disciplinas

Podemos dizer que apenas três dos dezesseis alunos considerados estiveram na escola na totalidade das disciplinas do eixo prático, e isto nos coloca um questionamento, o de como as ementas do eixo prático têm sido levadas em conta pelos professores, uma vez que todas elas assinalam a necessidade de um contato sistemático dos alunos com a escola pública.

Com relação ao **quarto ponto de questionamento** (o primeiro se referiu a nome do aluno, que por motivos éticos não serão revelados; o segundo dizia respeito ao semestre em que do curso em que o aluno se encontrava, que já foi citado acima; e o terceiro, que remete ao número de disciplinas em que os alunos foram à escola, também foi descrito acima) que se referia à **orientação que os alunos haviam recebido para agir na escola, nas disciplinas em que realmente haviam efetivado este contato**, observamos que, do total de alunas (o) entrevistadas (o), apenas três delas disseram que a orientação para agir na escola existiu para todos os seus contatos com a mesma, entretanto essa orientação foi considerada fraca ou insuficiente. A fala da entrevistada E6 nos dá uma dimensão clara da orientação recebida: *“Senti falta de uma boa orientação (...) pois eu ministrava aulas e sentia bastante dificuldade em conduzir o trabalho pedagógico.”*

Cinco alunas disseram ter ido à escola e recebido orientação em apenas algumas disciplinas, sendo que para elas, a orientação recebida nas disciplinas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado foi ineficaz diante dos problemas encontrados pelas alunas no contato com a escola. A entrevistada E12 relata que *“...a orientação do professor foi muito fraca e superficial. Não havia em retorno do nosso trabalho; vejo que o estágio (supervisionado) ficou a cargo de cada aluno.”*

Outra aluna, a E2, relatou sobre a sua experiência na Prática de Ensino: *“Sentia-me de certa forma “discriminada” pela turma, pois meu estágio era sobre orientação sexual e a maioria da turma estava estagiando com Alfabetização. Não havia socialização e as leituras oferecidas eram desarticuladas com o meu tema e com minhas dificuldades. (...) Realmente não havia integração com a turma e com a professora.”*

Sete foi o número de alunas que disse ter tido orientação em todas as disciplinas, entretanto essas mesmas alunas não se posicionaram quanto à qualidade da orientação recebida.

Apenas uma entrevistada relatou ter recebido orientação em todas as disciplinas em que havia solicitação de contato com a escola, classificando como boa essa orientação, principalmente quanto às disciplinas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. Ela observou que *“Todas as reflexões eram anotadas num diário de campo, e a professora tomava conhecimento desse diário ao menos uma vez por mês, e nos devolvia repleto de anotações que nos ajudavam muito, tanto nas reflexões*

*personais, quanto no exercício do estágio.*”

Um único aluno entrevistado não respondeu à questão.

Conclui-se do exposto, que oito alunas levantaram pontos negativos quanto a orientação recebida para a ação na escola, que sete não valoraram a orientação, e que apenas uma considerou ter recebido orientação satisfatória.

Com relação à **quinta questão**, a indagação da mesma dizia respeito ao **modo como os dados coletados na escola, pelas alunas (os), haviam sido trabalhados pelas disciplinas do eixo prático e pelas demais disciplinas do semestre.**

Dez, das dezesseis entrevistadas (o) disseram que o trabalho dos dados coletados se deu através da exposição dos dados para a classe. Dessas dez entrevistadas, duas delas observaram que os dados foram somente apresentados para a classe e professor; as outras oito disseram que, além da apresentação, houve debates e discussões com os professores do eixo prático e demais alunos.

Quanto àquelas que disseram que os dados foram somente apresentados temos os seguintes relatos, que nos reportam à situação vivenciada por elas: a E7 afirmou que os dados foram trabalhados *“Apenas com discussão, ou melhor, apresentação do trabalho realizado, e posteriormente apresentação de relatórios.”*; para a E5 *“Nas disciplinas do eixo prático o trabalho reduziu-se a apresentações em seminários para a classe.”*

As entrevistadas que relataram que, além da apresentação, houve debates e discussões com professores do eixo prático e demais alunos, estão representadas pelos seguintes trechos dos questionários:

*“Os dados coletados por nós nas escolas eram trazidos para dentro da sala de aula e discutidos com o professor e com os demais alunos.”* (E8)

*“Os dados coletados na escola foram trabalhados pelos professores do eixo prático, sempre com muitos debates, discussões e principalmente socialização de todos os trabalhos...”* (E14)

Seis entrevistadas observaram que os dados foram trabalhados unicamente nas disciplinas do eixo prático, e que as demais disciplinas não tomavam conhecimento dos dados coletados, e que não houve integração entre os trabalhos do eixo prático e o das demais disciplinas. Apenas uma aluna fez uma ressalva, dizendo que no semestre em que foram oferecidas as didáticas específicas, que estão localizadas no quinto semestre da Pedagogia, houve maior intercâmbio entre os

alunos e os professores da áreas de seu interesse. Assim para a entrevistada E5 “...as outras disciplinas nem tomavam conhecimento do trabalho desenvolvido no eixo prático, aliás, acredito que aí esteja uma das grandes falhas do nosso curso.” A entrevistada E10 relatou que “Nas disciplinas outras, os dados coletados nunca foram trabalhados. Apenas realizava, para mim mesma, uma tentativa de associação da teoria que os professores falavam com o que havia vivenciado na escola.”

Na análise das respostas à quinta questão surgiu o caso de três alunas que relataram o fato de que os dados por elas coletados não foram sistematizados em nenhum momento do eixo prático. Conforme nos relata a E1 “De um modo geral os dados coletados em campo não foram trabalhados nas disciplinas do eixo prático. Cada aluno e/ou grupo precisava analisar sozinho os dados que coletava, a partir de discussões de texto em sala de aula, que nem sempre atendiam as necessidades da prática.”

As entrevistadas E6 e E7 foram ainda mais radicais quanto à forma como os dados foram sistematizados em sala. Para a E6 os dados foram sistematizados “de nenhuma maneira praticamente.” A E7 observou que “Na prática os dados não foram trabalhados durante o curso.”

Houve também o caso de três entrevistadas (o) que não mencionaram a forma como os dados foram trabalhados nas disciplinas do eixo prático.

Buscando relacionar as respostas dadas à quarta e quinta questão, oito entrevistadas, quando questionadas sobre o fato de terem recebido orientação para atuarem na escola, disseram que receberam essa orientação, entretanto, segundo elas mesmas, a orientação existiu somente em algumas disciplinas, e para cinco dessas alunas, a orientação foi ineficaz diante dos problemas encontrados nas escolas.

No entanto, parece haver uma contradição entre as respostas dadas à Quarta e Quinta questão, pois nessa última, muitas alunas - um total de quatorze - quando questionadas sobre a forma como se dera o trabalho em sala dos dados coletados, disseram que houve, realmente, um trabalho dessas informações. Assim, se para muitas alunas, os dados coletados foram realmente sistematizados, podemos deduzir que de certa forma as alunas devem ter recebido alguma orientação para sua ação na escola.

Essa aparente contradição surgida nas falas das alunas pode ser indicativo de que, na verdade, os aspectos negativos do curso tenderam a predominar nos

depoimentos prestados, caracterizando como ruins muitos momentos da formação no Curso de Pedagogia.

A **questão de número seis** questionava as entrevistadas (o) sobre sua **percepção acerca do papel de sua interação com a escola para a formação dos alunos**.

As respostas obtidas, apesar de terem alguns aspectos em comum, tiveram conteúdos bastante variados.

A possibilidade de **enxergar melhor o campo de trabalho do pedagogo**, por eles considerado como a escola, foi eleita como uma das principais funções dos estágios. Foram nove as entrevistadas que mencionaram a **importância do contato com a prática escolar para a sua formação**, dentre elas a E15 e a E9, que afirmaram que: *“A interação com a escola foi fundamental para que pudesse compreender melhor a realidade educacional.”* (E15); *“Acredito que seja de extrema importância a interação do pedagogo com a escola, uma vez que é lá que futuramente vão trabalhar, e é necessário que desde a formação conheçamos e reflitamos sobre essa prática.”*

Três entrevistadas fixaram sua resposta na **possibilidade de reformulação da teoria**, proporcionada pelo contato com a prática. Uma delas, a entrevistada E7 afirmou: *“O papel da minha interação com a escola deveria ser o momento em que houvesse uma reflexão da teoria dada e reformulação desta.”*

As demais funções ou papéis do contato com a escola, citados pelas alunas, foram bastante diversificados, e estão elencados a seguir:

- Observar a distância existente entre a escola e academia; (E1)
- Para perceber a importância de ter conhecimentos teóricos para realizar uma boa prática; (E2)
- Para perceber que nem tudo o que se quer realizar é possível de ser feito, uma vez que o professor está sujeito a seus superiores na hierarquia escolar; (E2)
- Para ver como os alunos das escolas estão desmotivados; (E2)
- Para ver que os professores universitários deveriam ser mais comprometidos com a sua prática; (E3)
- Para perceber que no estágio deveria haver mais troca de interpretações, teorias e experiências entre os alunos estagiários e os professores das escolas, visando a

construção de novos olhares sobre a escola; (E4)

- Para verificar as precárias condições de vida de muitas crianças que freqüentam as escolas; (E5)
- Para conhecer diferentes tipos de escolas; (E6)
- Para entender melhor o papel do estagiário, os alunos e as possibilidades de trabalho na escola; (E13)

Apenas um entrevistado não respondeu a essa questão.

### *1.1. Concepção dos alunos sobre a relação teoria-prática.*

**A questão de número sete versava mais especificamente sobre a concepção dos alunos acerca da relação teoria-prática, e da forma como essas suas concepções estiveram presentes na condução das disciplinas do eixo prático.**

De uma forma geral, as entrevistadas à exceção de duas alunas e um aluno que não responderam à questão, e de duas que tiveram outras concepções, relataram que, idealmente, acreditam que deve existir uma relação dialética entre teoria e prática; para essas alunas os dois pólos da práxis, a teoria e a prática, influenciam-se mutuamente, um interferindo na reconstrução do outro. É possível observar essas concepções dos alunos nos depoimentos das entrevistadas E13, E3 e E6.

A E13 afirmou que *“...minha concepção teoria-prática (...) é uma concepção dialética - se constroem mutuamente na interlocução, e nela se alteram. A teoria vai sendo construída e se transformando através da prática e vice-versa.”* No mesmo sentido caminham as respostas da E3 e da E6, pois a primeira afirma que *“...teoria e prática se completam, à medida em que vão sendo relacionadas.”*, e a E6 diz acreditar *“...que relação teoria-prática (...) deve ser repleta de dialeticidade, ou seja, a teoria iluminando a prática, e esta fazendo pensar a teoria; uma fazendo refletir sobre a outra.”*

Apenas duas alunas fizeram afirmações que diferiam da acima citada. Para uma delas, a relação existente é a de que quanto mais consistente for a teoria, melhor será a prática dela decorrente. A outra entrevistada observou que a teoria deve modificar-se para adaptar-se à realidade o que, segundo a nossa concepção de relação teoria-prática, impede a existência de uma conexão que proporcione a

reformulação da teoria e da prática, paralisando assim o processo.

Com relação ao modo como a relação teoria-prática foi trabalhada nas disciplinas do eixo prático, segundo o ponto de vista das entrevistadas, temos que surgiram três grupos de respostas: a relação teoria-prática não aconteceu no eixo prático; a relação ocorreu satisfatoriamente em todo o eixo prático; e a relação teoria-prática aconteceu, ou parcialmente, ou de forma problemática. Três foram as alunas que afirmaram que a relação teoria-prática inexistiu; dois relataram que a relação foi satisfatória, e foram quatro aqueles que afirmaram ter vivenciado de forma problemática a relação teoria-prática no curso. Abaixo encontram-se transcritos trechos das respostas que exemplificam cada um dos grupos de resposta à segunda parte da resposta da questão sete.

Para o primeiro grupo, ou seja, para aqueles segundo os quais a relação teoria-prática inexistiu, temos:

*“...as disciplinas do eixo prático (...) pouco auxiliaram no momento de atuação prática, ou seja, não se efetivaram a nível dialógico diante das necessidades da realidade prática trazidas pelos alunos. Teoria e prática ficaram isoladas. Esta nas escolas e aquela na universidade.” (E1)*

*“Compreendo que a relação teoria-prática deva ser uma inter-relação pois elas se entrecruzam, se influenciam mutuamente. Sinto não ter percebido isso funcionar em todo o percurso de minha formação.” (E6)*

*“Vejo que a relação teoria e prática ficou muito distante; a prática não foi analisada; essa ponte entre a teoria e a prática ficou esquecida.”*

Segundo a própria afirmação de uma entrevistada que afirmou ter existido uma relação satisfatória entre teoria e prática, temos:

*“A minha concepção sobre relação teoria-prática é a de que uma não pode existir sem a contribuição da outra. Essa concepção esteve presente nas disciplinas do eixo prático.” (E14)*

A seguir estão alocados trechos de depoimentos em que as alunas revelaram a existência de problemas na relação teoria-prática promovida pelo Curso de Pedagogia:

*“No eixo prático foi utilizada a teoria para iluminar a prática, porém praticamente não foi aceita uma contestação da teoria a partir da experiência prática.” (E5)*

*“A teoria subsidia a prática e esta reformula a teoria. Em nenhuma Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP) isto foi trabalhado; na Metodologia de Ensino sim, mas, no Estágio e Prática de Ensino, a professora até se esforçou, mas as relações foram pouquíssimas.” (E7)*

Houve um total de seis entrevistados que não respondeu essa parte da questão.

Com o intuito de retirarmos algumas idéias das falas analisadas nas questões sete e oito, podemos dizer que, apesar das alunas terem considerado o estágio como tendo fundamental importância para sua formação, para elas o estágio não conseguiu alcançar seus objetivos. Na verdade, onze alunas esperavam que o estágio possibilitasse relacionar de forma dialógica teoria e prática, mas para algumas alunas suas expectativas foram frustradas, uma vez que quatro disseram ter vivido de forma problemática a relação entre teoria e prática na Pedagogia e, para três alunas, inexistiu no curso a tentativa de relacionar os dois pólos da práxis, ou seja, teoria e prática.

### *1.2. A concepção de estágio e sua contribuição para a relação teoria-prática- o papel da teoria.*

Quanto à **questão número oito**, esta era composta de duas partes distintas: na primeira delas o aluno era questionado a respeito da sua **concepção sobre estágio**; na segunda, era questionada **a forma como o estágio havia contribuído para que o entrevistado realizasse a relação teoria-prática.**

Tomando as respostas dadas à primeira parte da questão, buscamos agrupá-las a fim de facilitar a sua compreensão. Assim pudemos perceber que para quatro entrevistadas, o estágio é o *“...momento em que temos contato com a realidade escolar...”* (E5), sem no entanto ter sido considerado necessário qualquer tipo de atuação do aluno estagiário. Somente para quatro entrevistadas o estágio foi considerado o *“...momento de observação e atuação na prática pedagógica...”* (E1). Surgiu também, na fala de quatro alunas, que o estágio é nada mais que o *“...momento em que colocamos nossa teoria na prática...”* (E2). Para três das entrevistadas, o estágio é considerado o momento *“...de pensar a realidade à luz da teoria.”* (E13)

Com relação à **segunda parte da questão**, ou seja, qual a contribuição do estágio para a relação **teoria-prática**, as alunas relataram que ao tentarem estabelecer relações entre teoria e a prática vivenciada nos estágios, sentiram que a teoria educacional, em muitos momentos, se distancia da prática, ou que dá poucos elementos para pensar a escola e implementar novas práticas; esses problemas levantados pelas alunas surgem listados a seguir, a partir do próprio discurso das mesmas:

*“...tem algumas teorias que discordo e pude perceber que na prática não são funcionais.” (E2);*

*“...é no estágio que podemos vivenciar que a teoria muitas vezes se distancia da realidade.”(E8)*

*“...o estágio contribuiu para ver como a teoria sozinha não é nada.” (E7)*

*“O estágio contribuiu para que eu compreendesse as dificuldades inerentes ao trabalho pedagógico e de que nem tudo que é planejado pode ser posto em prática.” (E15)*

*“Através do estágio é possível colocar os pés no chão e ver que muitas teorias são irrelevantes perante a realidade concreta.” (E14)*

A partir desses depoimentos entendemos que as alunas parecem exprimir que as teorias educacionais produzidas na academia estão muito distantes da realidade concreta da escola; é como se pensassem que os teóricos da educação, ao realizar um pensamento (teoria) sobre a educação e a escola, fazem seu trabalho de forma desvinculada da prática, e da realidade da escola.

E retomando as respostas à questão sete, percebemos que para as alunas entrevistadas, o estágio pouco contribuiu no exercício de relacionar teoria e prática. Enfim, elas parecem ter ficado com a idéia de que há uma abismo quase intransponível entre os dois pólos da práxis.

E, a despeito de conhecermos as dificuldades intrínsecas à tentativa de relacionar teoria e prática, e sabermos que as alunas, por estarem no momento de sua formação inicial, devem ter sentido essa dificuldade mais fortemente, o problema parece ter suas raízes também na forma como teoria e prática são trabalhadas pela universidade.

Na verdade, os problemas ligados ao trabalho da teoria e da prática, na Pedagogia da Unicamp, já foram constatados por outros trabalhos. Silva (1990),

ao realizar estudo sobre as expectativas dos alunos da Pedagogia da Unicamp em relação ao seu curso, e sobre as motivações que levaram à escolha do curso, observa que "...a incidência maior de críticas dos estudantes recai sobre a dinâmica do currículo de Pedagogia, no que se refere ao equilíbrio entre teoria e prática e do processo de estruturação desse currículo, dificultando a opção por disciplinas." (p. 25)

Helena de Freitas (1996), ao analisar o trabalho desenvolvido com suas alunas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Pedagogia da Unicamp, em 1992, diz que essas alunas reconheceram que "...a teoria no Curso de Pedagogia está bastante distante da prática, não apenas por estarem ambas, teoria e prática, em momentos separados do currículo, mas **sobretudo porque a teoria encontra-se isolada em relação aos problemas concretos da escola, da sala de aula e do ensino.**" (p. 90) (Grifo Nosso.)

É importante notarmos que os trabalhos acima citados foram realizados quando a Pedagogia ainda era regida pelo currículo antigo, ou seja, pelo currículo que vigorou antes de 1993 - em 1993 as reformulações da Pedagogia realmente entraram em vigor. E, segundo o que apreendemos com este trabalho, através dos depoimentos dos sujeitos desta pesquisa, que experienciaram a nova estrutura, implantada em 1993, as queixas dessas alunas são muito semelhantes às dos alunos do currículo antigo (anterior a 1993), no que concerne às deficiências no trabalho com a teoria e a prática.

### *1.3. Como melhorar a compreensão sobre a escola pública.*

A questão de **número nove** foi a que finalizou o questionário, e solicitava aos alunos a que eles dessem **sugestões de atividades que poderiam ser realizadas nas disciplinas do eixo prático, a fim de melhorar a sua compreensão sobre a escola pública.**

Assim, surgiram respostas com conteúdos variados, os quais se apresentará seguir, **segundo dois grupos de atividades sugeridas.** O primeiro, o de atividades que buscariam incrementar o que já tem sido feito, e o segundo grupo de atividades, composto por aquelas que propõem modificações ao que vem sendo realizado.

**Quanto ao primeiro grupo de atividades,** temos que seis entrevistadas fizeram considerações, visando **incrementar as atividades já desenvolvidas no eixo prático.**

A entrevistada E2 sugeriu que fossem introduzidas “...*atividades que nos permitissem trabalhar com: estigma, preconceito, disciplina, história de vida e pluralidade cultural.*” Mesmo que tais temas já venham sendo trabalhados no curso, a aluna sugeriu que os mesmos fossem discutidos por meio de atividades.

Outra importante consideração foi feita pela entrevistada E3; ela afirmou que a Faculdade de Educação “...*deveria incentivar mais o compromisso do aluno com a escola pública, como ensino e com a prática educacional, e não apenas com a pesquisa.*”

Para a entrevistada E5, o eixo prático deveria “...*possibilitar um maior contato dos alunos não só com as pessoas que estão na sala de aula, mas também com aqueles que pensam o currículo e a estrutura da escola pública – as pessoas responsáveis pela organização ‘burocrática.’*” Segundo essa entrevistada, esse contato seria de fundamental importância, uma vez que os alunos poderiam “...*perceber que muitas pessoas que traçam as diretrizes para a escola pública não a conhecem muito bem.*”

A aluna E7 observou que a reflexão do eixo prático “...*deveria ser feita com professores que trabalhassem nas escolas, e que fossem pedagogos, psicólogos, e sociólogos.*” Com isso ela parece sugerir que, as pessoas que têm um contato mais direto com a escola, poderiam ser de grande valia no auxílio aos alunos da pedagogia no seu trabalho de apreensão da realidade escolar.

A entrevistada E10 sugeriu que deveria existir “...*um trabalho previamente acordado entre a FE e a escola, a fim de que nossa participação na escola fosse mais consistente e o trabalho realizado mais profundo.*”; outro ponto levantado por essa entrevistada diz respeito a possíveis visitas que os professores atuantes nas escolas poderiam fazer à universidade, a fim de que este contato pudesse otimizar o trabalho pedagógico desenvolvido na Pedagogia da Unicamp. Para essa entrevistada seria proveitoso “...*trazer pessoas da prática da escola para a Faculdade, e não só os alunos da FE irem para a escola.*”

Outra importante sugestão foi a da entrevistada E14, a qual relatou que, seria interessante “...*principalmente nas PPPs, o professor responsável pela disciplina*

*acompanhar seus alunos nas visitas e orientá-los sobre esse espaço novo para o aluno.*” E realmente, é importante considerarmos que no momento em que as (os) alunas (os) cursam as chamadas PPPs (Pesquisas e Práticas Pedagógicas I, II e III) elas estão nos semestres iniciais do curso e, em geral desconhecem metodologias de coleta de dados e até mesmo os métodos de pesquisa, fato este que parece ser um empecilho à realização da pesquisa exploratória nas PPPs.

**Com relação ao segundo grupo de respostas, que envolve as sugestões de modificação nas atividades já realizadas no eixo prático,** temos que três entrevistadas fizeram considerações nesse sentido.

A entrevistada E1 sugeriu que a turma como um todo deveria adotar “...*um caso específico, ou uma escola para, juntos abordarem todas as questões referentes à unidade escolhida...*”; com isso se buscaria elaborar um referencial teórico que pudesse auxiliar a escola em questão, proporcionando à mesma um retorno de informações da academia. O discurso dessa aluna toca numa questão complexa, também por nós percebida como um problema, a partir do contato com as escolas; ela aponta para a necessidade, manifesta pelos professores das escolas, de receberem “algo em troca”, por terem deixado que os estagiários permanecessem trabalhando em suas salas de aula. Essa necessidade muitas vezes se constitui num problema para os estagiários, e principalmente de estágio inicial, pois ainda não estão propriamente em fase de elaboração de seus conhecimentos sobre a escola, não tendo respostas claras para os problemas enfrentados quotidianamente pelos professores da rede estadual e municipal.

Outra entrevistada que fez menção a possíveis modificações foi a E3; esta acredita que nos estágios deveriam ser realizadas “...*atividades em outros espaços que não seja a sala de aula – teatro, coral, dança com as crianças.*” Além disso ela sugeriu que fossem abordados na pedagogia outros aspectos teóricos, que não os usualmente tratados nesse curso, e que poderiam ser correlatos a essas manifestações artísticas e musicais. **Com isso esta entrevistada fez emergir uma importante questão do Curso de Pedagogia da Unicamp, ou seja, de que ele não possui em sua grade curricular disciplinas que promovam o contato das (os) alunas (os) com as artes.** Estes conhecimentos se apresentam, segundo nossa concepção, como de fundamental importância, uma vez que os pedagogos necessitarão desse conhecimentos para o

trabalho com seus alunos (os currículos oficiais, ora exigem, ora desobrigam que a educação artística seja uma disciplina das séries iniciais do Ensino Fundamental.)

Uma última sugestão foi a sugerida pela entrevistada E4. Para ela o aluno da Pedagogia da Unicamp não deveria tomar somente contato com escolas públicas e de periferia mas, ao contrário, “...*poderia também ser feita, pelos alunos, visitas (...) a diferentes tipos de organizações, escolares e não-escolares (educação não-formal).*” Com isso ela pretende que os alunos de pedagogia alarguem uma visão de educação que ela considera como reducionista, e passem a perceber que o campo de atuação do pedagogo não se restringe ao ambiente escolar, mas o ultrapassa.

Há também o caso de duas entrevistadas que, ao opinarem sobre quais atividades seriam adequadas a uma melhoria da sua compreensão sobre a escola pública, observaram que o próprio estágio dá conta de realizar isto; uma delas relatou que sua própria experiência de estágio foi suficiente para obter essa compreensão da escola pública; a outra diz acreditar que, se o estágio ocorresse da forma como ele é idealizado, não seria necessário criar novas atividades para implementar as realizadas no estágio.

Do exposto podemos perceber que, algumas alunas disseram que as teorias vistas na universidade deveriam se adequar mais aos temas presentes na escola, e temas estes que, na opinião delas, a Pedagogia não tratou de forma satisfatória. Contudo, se essas duas alunas questionaram aspectos teóricos do curso, as outras quatro alunas que se pronunciaram a esse respeito centraram suas reflexões sobre o trabalho realizado no eixo prático; com isso as entrevistadas parecem estar manifestando que, pelo fato de o eixo prático ter apresentado problemas, é nas atividades nele desenvolvidas que devem se concentrar as modificações. Faz-se importante ressaltar que esse dado é coerente com as queixas das alunas com relação à teoria e prática no eixo prático.

## 2. As Respostas dos Professores

Dos doze professores entrevistados, sete são do Departamento de Metodologia do Ensino (DEME), dois são do Departamento de Psicologia Educacional (DEPE); são ainda dois pertencentes ao Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação (DECISAE), e uma pertencente ao Departamento de Filosofia e história da Educação (DEFHE).

Quanto às disciplinas do eixo prático que os professores lecionaram, temos que: cinco deles lecionaram Pesquisa e Prática Pedagógica II, três lecionaram Pesquisa e Prática Pedagógica I, e três lecionaram Pesquisa e Prática Pedagógica III. Apenas um deles deu aulas de Metodologia de Ensino, enquanto três lecionaram Prática de Ensino e três lecionaram Estágio Supervisionado.

Quando questionados em relação ao fato de terem ou não seguido as ementas das disciplinas, os professores foram unânimes ao dizer que sim. Entretanto uma delas relatou que seus alunos não visitaram a escola, da forma como era previsto nas ementas.

Esta professora usou como justificativa, o fato de que as alunas de Pesquisa e Prática Pedagógica III (PPP III) não tinham incorporado ao seu trabalho o conceito de criança que, para essa professora, era fundamental. Então o trabalho dessa professora em PPP III foi, segundo ela própria, o de “...colocar a criança dentro da PPP, que até aquele momento nenhum dos trabalhos contemplava.” Segundo o relato dessa professora, as atividades realizadas na disciplina consistiram de leituras e discussões teóricas sobre o tema criança.

Assim percebe-se que nem sempre as ementas das disciplinas do eixo prático foram seguidas à risca pelos professores, e que esses modificavam os planos conforme julgavam necessário.

### *2.1. As concepções de estágio dos professores da Faculdade de Educação*

Com relação à **concepção de estágio dos professores entrevistados**, de uma forma geral, ela aponta para a idéia de que o estágio consiste numa aproximação do

estudante de Pedagogia com o seu futuro campo de trabalho. Segundo a maioria desses professores, à exceção de uma delas, a escola é este campo de trabalho do futuro pedagogo.

Houve de fato uma professora, a P9, que, entendendo que o local de atuação do aluno na situação do estágio não é unicamente a escola, observou: “...o estágio é o momento de aproximação mais direta do estudante com o campo de trabalho, é sua iniciação profissional, sua vinculação com o trabalho vivo, tal como ele se materializa na sociedade, na escola, no campo, em qualquer lugar onde ele se realiza.” Dessa forma, a professora amplia sua concepção de trabalho do futuro pedagogo para outras instâncias, além da escola.

Além de os professores terem identificado o estágio como uma aproximação do futuro pedagogo com o seu campo de trabalho, alguns deles fizeram considerações importantes com relação às especificidades do mesmo.

Para a professora P4, o estágio é também “...o lugar e momento em que você pode sentir as condições de trabalho do professor; o que é vivenciar o lugar do adulto numa instituição escolar, numa relação com crianças.”

A professora P6 chamou a atenção para uma relevante questão, relativa ao papel do professor. Para ela, o educador, a fim de desenvolver e aprimorar seus conhecimentos, deve ser também um pesquisador, e o estágio, dessa forma, deve ser visto como um momento de preparação do professor para a pesquisa. Essa entrevistada observou: “...eu entendo o estágio como um processo progressivo, que para mim não se separa da pesquisa. Porque eu defendo que o professor e a professora sejam pesquisadores.”

A professora P8 realizou importantes considerações visando melhorar o trabalho desenvolvido pelos estagiários junto às escolas. Ela disse acreditar que o estágio é um processo de produção de conhecimento que deve envolver o estagiário, e o pessoal da escola, numa ação conjunta. Dessa forma, segundo a entrevistada, o aluno não deve coletar dados na escola para uma posterior análise, mas deve analisar tais dados conjuntamente com o professor da classe que o recebe, visando com isso questionar e redimensionar as condições de produção do próprio trabalho pedagógico.

## 2.2. As disciplinas do eixo prático - concepções de pesquisa em educação

No que diz respeito à **forma como os dados coletados pelas alunas (o) foram trabalhados nas disciplinas do eixo prático**, devemos dizer que, apesar de os professores entrevistados terem concordado em alguns pontos, houve grande diversidade de respostas.

Três professoras, duas delas que lecionaram PPP e uma que lecionou Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, relataram que fizeram uso do caderno de campo como instrumento de registro de dados; que buscaram realizar conexões entre os dados da realidade com a literatura, procurando resgatar as contribuições de outros professores do Curso de Pedagogia. Os relatos das professoras P6 e P9 ilustram com clareza a forma como era organizado o trabalho em suas disciplinas:

*“Os dados o pessoal coletava em diário de campo e tinham um roteiro de entrevistas semi-estruturadas; e pegavam documentos. Em aula (...) a gente procurava discutir o material de campo que o pessoal havia trazido, durante o processo. E com base nisso, trazendo leituras que ajudassem a iluminar o que eles estavam vendo na escola. Os dados eram discutidos à luz do que eles já tinham discutido comigo e nas outras disciplinas, e a gente ia puxando bibliografia que desse conta.” (P6)*

*“A análise dos dados da realidade concreta, em sala de aula, é antecedida da reflexão dos estudantes sobre seu trabalho na escola e as relações teóricas que ele estabelece com os textos lidos, com as teorias, com as falas dos professores, com as falas dos colegas de sala.” (P9)*

Conforme fomos realizando as entrevistas com os docentes, alguns deles, ao falarem sobre a forma como haviam sido sistematizados os dados coletados da prática, e como a relação teoria-prática havia sido conduzida, foram explicitando a forma como enxergavam o relacionamento entre teoria e prática na formação do pedagogo. Constatamos que essa forma de conceber a relação teoria-prática parece estar fortemente ligada aos procedimentos utilizados para tratar os dados da prática, e conseqüentemente, à forma como foram conduzidas as disciplinas do eixo prático, principalmente as Pesquisas e Práticas Pedagógicas.

Dessa forma, surgiram casos de disciplinas, como a PPP III ministrada pela professora P5; segundo ela, não houve discussão de dados coletados porque os alunos não foram à escola. Para essa professora, o trabalho dos alunos deveria

centrar-se na introdução do conceito de criança em seus trabalhos de pesquisa, construídos nas PPPs anteriores. Conforme afirmou essa professora, o trabalho das alunas não continha o aspecto fundamental que as pesquisas em Pedagogia devem contemplar, ou seja, o conceito de criança.

Na verdade surgiram sérios problemas na implementação das PPPs, e esses problemas também foram relatados por professores que lecionaram essas disciplinas.

A professora P6 nos relatou, com relação a esses problemas que a Pesquisa e Prática Pedagógica *“...de fato, em muitos casos foi a ‘casa da mãe Joana’. E os alunos podem comprovar isso. (...) As experiências foram as mais diferentes. Tive alunos que (...) tiveram uma experiência em PPP I e II com continuidade. Foi uma mesma professora, que seguiu um processo que teve início, meio e fim, e que no terceiro semestre, em PPP III, entrou uma professora que disse que tudo que eles tinham feito era bobagem, e que aquilo não era pesquisa em educação. Eu peguei uma turma revoltadíssima no quinto semestre, com EP 375. E isso foi uma coisa que aconteceu várias vezes, inclusive com atitudes antiéticas, de um professor não respeitando a concepção do outro...”*

Podemos observar, dessa forma, que houve descontinuidade no processo de desenvolvimento das PPPs, ou seja, não havendo concordância entre os professores sobre a forma como o trabalho na disciplina deveria ser desenvolvido.

A professora P4 relatou acontecimentos significativos que nos mostram onde possivelmente estejam as raízes dos problemas enfrentados no desenvolvimento do eixo prático. Ela observou quanto à integração das disciplinas e do corpo docente: *“...falhou porque a gente não tem uma história de sustentação de um trabalho coletivo a longo prazo. (...) Enquanto durou houve tentativas que foram muito positivas, sobretudo nesse primeiro ano (1993); a gente tinha reuniões freqüentes. A dificuldade mais é com relação à própria PPP, a lógica dessa disciplina, e as diferentes concepções e posições do que é pesquisa, dos conflitos...”*

Assim parece ficar claro que as diferentes concepções dos docentes da FE, sobre o que é pesquisa em educação foi um motivo forte no surgimento dos problemas nas PPPs.

Talvez a própria mudança, ocorrida na grade curricular da Pedagogia da Unicamp em 1997, em que a Pesquisa e Prática Pedagógica foi mudada para Pesquisa Pedagógica, perdendo sua característica original de busca de realizar a

conexão entre teoria e prática desde o início do curso, tenha sido influenciada pelos problemas de implementação dessas disciplinas. A fala da professora P6 parece esclarecer essa situação: “...muitos alegam que a mudança foi porque muitos não assumiram. Então, em vez de a gente ir atrás do prejuízo e fazer uma revisão do que deveria ser, vamos tentar corrigir o erro. Não. Se cria uma situação em que a disciplina é inviável.”

Ainda segundo a P6, os problemas surgidos na implementação das PPPs podem ser encarados como um acontecimento, que tendo acusado os problemas epistemológicos da área da Pedagogia, mostrou aos pesquisadores quais são as raízes dos conflitos ideológicos que perpassam a própria Faculdade de Educação da Unicamp.

Finalizando os comentários sobre essa problemática e reforçando a idéia acima desenvolvida, temos o comentário da E6: “É porque aí vem qual é o objeto de estudo do pedagogo, qual o objeto de trabalho do pedagogo. Qual é o método que você faz pesquisa na pedagogia. É, de fato, uma discussão muito complicada. E, de certa forma a PPP serviu para explicitar esse debate na FE, que estava implícito, no porão, subjacente a tudo que se fazia, no ‘rótulo’ dos professores. De certa forma essa disciplina vai dar vazão para que esse conflito venha à tona. Talvez ela seja, acima de tudo, uma explicitação dos problemas epistemológicos da nossa área, do que é ser pedagogo, do que é pesquisar na pedagogia, e do que é pedagogia...”

### 2.3. A interação dos alunos com a escola pública

Com relação ao **papel, atribuído pelos docentes da FE, à interação dos seus alunos com a escola pública**, temos que de uma forma geral ele foi considerado muito importante, e por alguns professores como fundamental. Apesar de haver similaridade de idéias contidas nos depoimentos, eles apresentaram riqueza de opiniões sobre esse contato dos estudantes da Pedagogia com a escola pública.

O que é mais relevante, apontado por diferentes professores, nesse contato, é que os alunos de Pedagogia tem a possibilidade de estar dentro da instituição em que existem sérios problemas, e as fortes desigualdades sociais e, dentro dela poderão encontrar saídas para os problemas que nela existem. Assim, foi relatado que a importância de estudar essa escola, existe porque o maior público a frequenta, e

porque a qualidade de ensino destinada a eles precisa ser resgatada; também porque as relações que se travam em seu interior precisam ser revistas, e porque nela se estabelecem os processos de exclusão social, e os (as) alunos (as) de Pedagogia, ao perceber isto ocorrendo, sintam que, ainda que sob estas condições concretas, podem fazer nela um bom trabalho; porque ali, num local sem meios e condições adequadas, os estudantes poderão ter oportunidade de, realmente, refazer suas teorias.

Abaixo temos relacionados os depoimentos dos professores que partilham das idéias acima:

*“...eu ainda acredito que é no trabalho com a sala pública que o aluno possa contribuir para novas reflexões e até refazer teorias, porque na escola pública as coisas estão acontecendo sem condições de trabalho, sem uma série de condições de trabalho que acabam por não acontecer.” (P3)*

*“...mas o compromisso prioritário é com a escola pública. E a escola pública levanta uma série de questões, de condições de ensino, as políticas públicas, enfim, agudiza a situação com relação a uma população mais abrangente.” (P4)*

*“Vão sair daqui Secretário da Educação, o Delegado de Ensino, o Ministro e não o professor que vai dar aula na periferia. Mas é um pedagogo que sabe o que é escola, que pesquisou o que é sala de aula, que compreende as relações que se estabelecem, o significado da escola para essas crianças de periferia, os processos de exclusão que se dão nela.” (P6)*

Outros professores, como a entrevistada P5, centraram-se na importância do aluno de Pedagogia conhecer a escola pública, pelo fato desta universidade ser uma instituição pública e que, sendo assim, utiliza-se de recursos públicos para manter suas atividades. Ela observou: *“Uma coisa sempre esteve explícita, que o objetivo da FE da Unicamp é formar um pedagogo crítico e comprometido com as transformações da sociedade injusta brasileira. O compromisso desta Faculdade é com a escola pública e com as transformações sociais naquilo que nós entendemos que a escola pública pode contribuir com as transformações sociais. (...) O compromisso de uma universidade pública é com a escola pública.” (P5)* Esta mesma professora apontou que a importância da interação dos alunos com a escola pública, também se deve ao fato de que, nessa escola, existe uma grande diversidade cultural.

O contato com a escola foi também valorado positivamente pelo professor P7;

segundo o mesmo, *“É básico e fundamental que os estudantes da Pedagogia sintam e vivenciem as contradições das escolas no sentido de adquirirem uma visão não-distorcida da realidade e, ao mesmo tempo, possam unir prática/teoria/prática, conforme, inclusive, propõe o novo currículo do Curso de Pedagogia da Unicamp.”* Com essa fala esse professor revela sua real preocupação, de que os alunos possam fazer uma contraposição entre a teoria vista na universidade, e a prática presente nas escolas, como forma de não criarem para si, apenas a partir da teoria, uma visão errônea sobre essa mesma escola.

Finalizando os comentários sobre a importância vinculada pelos professores ao contato dos alunos com a escola pública, temos os depoimentos de duas docentes que também defendem a passagem do aluno de Pedagogia pela escola pública. Para a P8, *“A despeito da multiplicidade de campos que se abrem, hoje, para sua atuação, considero que a especificidade do seu fazer se materializa na escola. Ou seja, até para pensar projetos de educação não escolar, a passagem pela escola é necessária.”* Segundo a entrevistada P9, o estabelecimento de contato dos estudantes com a escola pública torna-se fundamental, pois é indispensável o pedagogo vincular-se com o seu objeto de estudo durante a formação, pois isso permite que os futuros educadores conheçam a prática, e melhorem as suas próprias condições de trabalho e a qualidade do ensino; essa vinculação com a escola concreta permite também conhecer os problemas enfrentados pela educação e escola pública brasileiras. Segundo suas próprias palavras, temos: *“A vinculação dos estudantes com a escola pública é condição de qualidade de sua formação. Em qualquer área de formação - medicina, engenharia, entre outras - a interação/aproximação com o objeto de estudo/trabalho é fundamental no processo de formação. No caso da educação, com maior razão a existência/inexistência desse vínculo determina e influencia a capacidade dos estudantes em dar respostas aos problemas da prática, contribuindo para a melhoria das condições de trabalho e de ensino na escola pública e para a formação de nossas crianças e jovens. Ainda quando a expectativa do estudante seja a de envolver-se com a pesquisa, não se justifica o afastamento do curso dos problemas concretos da educação e da escola pública no nosso país. Esta relação se dá pelo estudo e pelo trabalho na realidade escolar, necessariamente.”* (grifo não nosso)

#### 2.4. A formação do pedagogo para os dias atuais

O penúltimo ponto de questionamento nas entrevistas com professores, dizia respeito às suas concepções sobre como deveria ser a formação do pedagogo para os dias atuais, e quais deveriam ser as características fundamentais do pedagogo formado para lecionar nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

A maioria dos professores entrevistados concordou que o pedagogo deve ter uma sólida formação teórica que, aliada ao contato com a escola, permita a ele de rever a prática pedagógica vista nas escolas. A entrevistada P6 observa nesse sentido: *“Eu acredito que um pedagogo para as séries iniciais tem que ter uma sólida formação teórica (...) que deve ser das ciências da educação, mas deve estar voltada para o objeto da Pedagogia que é a organização do trabalho pedagógico...”* E essa mesma professora afirmou: *“Porque nós temos um objeto extremamente complexo e em construção, e essa formação teórica só vai ter sentido se ‘colada’ com a prática...”* Outro entrevistado apontou, sobre o curso de Pedagogia: *“Eu acho que um curso de formação como o nosso tem que dar condições do aluno entrar em contato com a escola pública. Que dê a possibilidade dele repensar o conjunto de questões que ele traz da escola pública, à luz de uma filosofia, de uma sociologia, de uma psicologia, de uma história, e de uma didática, ou seja, de um pensamento sobre ensinar (...) e que exercite isso na construção de práticas pedagógicas.”* (P3)

Para alguns professores, o conhecer técnicas para ensinar, ou saber como mediar a aprendizagem, foi também considerado como imprescindível; um exemplo que identifica essa concepção nos é dado pela fala das entrevistadas P4 e P8. Conforme a P4, *“A especificidade do pedagogo é saber ensinar.”* Para o entrevistado P1 os pedagogos que atuarão nas séries iniciais do Ensino Fundamental *“...têm de dominar os conhecimentos teóricos, mais o conhecimento dos meios de ensino, que engloba teoria e práticas...”*

Outras observações dos professores com relação ao ‘perfil’ do pedagogo podem ser resgatadas a partir de seus depoimentos, como: nosso curso se preocupa com a docência mas será o campo de trabalho que dirá qual é a formação necessária, e o campo de trabalho exige a habilitação em administração escolar (P1); para o P1 faltam cursos de oratória, expressão corporal, trabalhos manuais, e afins, os quais poderiam enriquecer o trabalho pedagógico; conforme nos relata a entrevistada P5,

curso de Pedagogia deveria formar o professor, o formulador de políticas, o administrador, o supervisor unicamente para as séries iniciais do Fundamental, ou seja, para atuar no ensino das crianças de zero a dez anos; a professora P6 afirmou que o pedagogo deve ter uma formação que seja atrelada aos acontecimentos atuais, para que ele possa analisar essa realidade, e fazer as suas opções para o projeto histórico que deseja ajudar a construir; A P6 e o P7 concordaram ao dizerem que o pedagogo tem de ser um profissional crítico perante a sua realidade, tendo a possibilidade de atualizar-se constantemente dentro da suas áreas de conhecimento; apontamos uma última colocação da entrevistada P8 acerca do trabalho do pedagogo; ela nos diz que ele deve ter a função de um humanizador nas relações interpessoais.

### *2.5. Os professores e as alternativas para o aprimoramento do curso*

O último tópico de questionamento dizia respeito às contribuições individuais, dos professores, sobre possíveis atividades que o aluno de Pedagogia poderia realizar no sentido de melhorar a sua compreensão sobre a escola pública.

A maioria dos professores entrevistados concluíram que as atividades realizadas no próprio estágio são as mais indicadas para possibilitar ao aluno um melhor entendimento sobre as questões referentes ao ensino público.

Duas das professoras inovaram, no sentido de apontarem como o estágio deveria ser implementado; segundo uma delas, a P8, quando o estágio é realizado de uma forma conjunta com a escola, e sendo um trabalho que busque integrar o professor da escola, ele pode ser de grande valia na formação do pedagogo. Essa entrevistada, ao falar sobre quais atividades ela indicaria, observou: *“Só tem um caminho: estar na escola pública, mas não para observar, criticar, denunciar, num movimento de aproximação ocasional. Estar na escola pública reconhecendo-a como um processo “em se fazendo”, inserir-se nesse processo através da atuação conjunta com os seus protagonistas, para, no movimento, entender os limites e brechas existentes na dinâmica da sua organização. Ou seja, não adianta ficar descrevendo e explicando a escola. Eu penso que temos que “viver” o trabalho pedagógico na escola real, cotidiana, limitada, contraditória, lacunar...E mais, viver este trabalho com as pessoas que produzem hoje na escola.”* (Grifos não nossos)

A pesquisa também foi apontada como forma de ampliação de conhecimentos

sobre a escola pública; a professora P6 observou: *“Eu acho que a pesquisa mesmo. E a pesquisa que começa como um observador e termina como pesquisa participante, pesquisa-ação. Eu acredito que pesquisa é fundamental para a formação de qualquer profissional e do nosso também...”* Para essa entrevistada, também urge que o Curso de Pedagogia inclua em sua grade curricular disciplinas que trabalhem com a arte, em suas diversas manifestações. Ela relatou: *“A gente tem que ter um curso menos escolástico, menos convencional, e com mais alunos mais ativos, com mais pesquisa, com mais prática, com mais arte, com mais corpo. Porque a gente ainda tem um curso muito acadêmico...”*

Uma última sugestão de atividades que poderiam ser realizadas pelos alunos foi mencionada pelo entrevistado P3. Conforme esse entrevistado, as férias dos alunos da Pedagogia poderiam ser utilizadas para implementar atividades de lazer com os alunos das escolas públicas, *“...com projetos de recreação. A gente tem condições de estruturar e propor isso enquanto instituição. É um espaço importante e que é pouco utilizado.”*(P3)

#### IV. DISCUSSÃO DOS DADOS

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo a identificação das concepções de professores e alunos do Curso de Pedagogia da Unicamp, sobre o papel do estágio inicial e do estágio supervisionado em escola pública, para a formação dos professores que atuarão nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Também foi abordado pelo trabalho, a sondagem das concepções dos professores da FE da Unicamp, sobre a formação dos pedagogos que atuarão nessas séries iniciais, além da coleta de sugestões de atividades que poderiam ampliar a compreensão dos futuros pedagogos sobre a escola pública.

Na busca de uma melhor compreensão das principais questões tratadas neste trabalho de pesquisa, iniciamos aqui uma tentativa de relacionar os dados coletados, as experiências por nós vividas no interior do Curso de Pedagogia, além do referencial teórico por nós adotado.

Primeiramente, em função do próprio objetivo do trabalho de pesquisa, é necessário discutirmos, com base nos dados coletados, o papel desempenhado pela escola na formação dos alunos da Pedagogia compreendidos pela pesquisa. Nesse momento serão consideradas as concepções dos professores e alunos entrevistados. Depois serão abordadas as concepções sobre a formação do professor para as séries iniciais do Ensino Fundamental, presentes entre os professores entrevistados, além da coleta de sugestões de atividades que poderiam ampliar a compreensão do aluno sobre a escola pública.

##### **1. A dialética da relação teoria-prática na formação do educador**

A importância do contato com a escola foi mencionada por inúmeras alunas, que a esse contato atribuíram o fato de conseguirem enxergar melhor o campo de trabalho do pedagogo; a seguir aparecem listadas as demais concepções acerca do papel do estágio, ou seja, a contribuição advinda do contato efetivo das alunas com a escola: a possibilidade de reformulação de teorias; a possibilidade de observar a

distância entre a escola e a academia; para se perceber a importância de ter conhecimentos teóricos para realizar uma boa prática; para perceber que nem tudo o que se quer realizar é possível de ser feito, uma vez que o professor está sujeito a seus superiores na hierarquia escolar; para ver como os alunos das escolas estão desmotivados; para ver que os professores universitários deveriam ser mais comprometidos com sua prática; para perceber que no estágio deveria haver mais troca de interpretações, teorias e experiências entre os alunos estagiários e os professores das escolas, visando a construção de novos olhares sobre a mesma; para verificar as precárias condições de vida de muitas crianças que frequentam as escolas; para conhecer diferentes tipos de escolas; para entender melhor o papel do estagiário na escola, os alunos e as possibilidades de trabalho na mesma.

Dessa forma, podemos perceber que, entre as alunas, aparecem diferentes formas de perceber o seu contato com a escola, e que esse contato foi significativo para sua formação.

Entretanto, se este contato foi significativo, questionamos em que medida ele se efetivou em conformidade com a proposta curricular implantada na Pedagogia em 1993 - uma vez que nosso interesse é compreender, se a proposta que vigorou na Pedagogia desde 1993 conseguiu ser implantada e, se conforme fora proposto na mesma, se superou a dicotomia entre teoria e prática no curso em questão. Enfim, acreditamos que se faz necessário o aprofundamento da análise de como realmente se deu a implantação do novo currículo da Pedagogia, a partir de 1993, no que se refere à relação teoria-prática. Para que isso seja possível, apresentaremos a seguir as ementas das disciplinas do eixo prático. Feito isto, se procederá, então, a uma comparação entre as ementas das disciplinas, e o discurso dos alunos relativo à forma como os mesmos vivenciaram o trabalho nessas disciplinas.

As três disciplinas de PPP possuíam a mesma ementa, que foi transcrita a seguir: *"Espaço interdisciplinar destinado a fazer ponte com a realidade do aluno e a prática pedagógica das escolas, visando a análise global e crítica da realidade educacional. Debates com diversos profissionais buscando uma compreensão mais ampla da prática pedagógica. Iniciação científica através de pesquisas exploratórias na rede pública que conduzirão ao estágio final de curso. Este espaço também deverá ser utilizado para a integração horizontal das disciplinas dos semestres, cujos professores e alunos reunir-se-ão para debates de temas*

*geradores."*

A seguir estão transcritas as ementas das demais disciplinas do eixo prático, composto ainda pelas matérias de Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, Prática de Ensino na Escola de Primeiro Grau, e Estágio Supervisionado de Primeiro Grau.

Metodologia do Ensino de Primeiro Grau: *"Trabalho de campo orientado para o diagnóstico dos componentes metodológicos envolvidos na prática educativa das escolas públicas de Primeiro Grau, procurando analisá-las no conjunto das determinações mais amplas a que estão submetidas. Numa perspectiva integrada à área de magistério, propor reflexões a partir da prática nas escolas, a serem encaminhadas para as metodologias específicas visando a continuidade do trabalho. Esta disciplina articula-se com os projetos e estudos desenvolvidos em Pesquisa e Prática Pedagógica I, II, e III."*

Prática de Ensino de Primeiro Grau: *"Planejamento, desenvolvimento e avaliação dos projetos de ensino envolvidos nas práticas educativas de Primeiro Grau (1ª a 4ª séries). Essa disciplina articula-se com as disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica, e Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, dadas nos semestres anteriores. Constitui espaço para tratamento interdisciplinar das didáticas oferecidas simultaneamente a ela."*

Estágio Supervisionado de Primeiro Grau: *"Esta disciplina é seqüência da Prática I e destina-se ao planejamento, desenvolvimento e avaliação dos projetos de ensino envolvidos na prática educacional de Primeiro Grau (1ª a 4ª séries.)"*

Conforme relatado anteriormente, com a inserção das disciplinas do eixo prático, a reformulação de 1992 pretendeu extinguir a separação entre teoria e prática até então existente no curso, pois até aquele momento o aluno via primeiro toda a teoria e, somente no final do curso, poderia ter contato com a prática da escola. Foi então implantado desde o início do curso um contato sistemático dos alunos da Pedagogia com a escola, e de preferência com a escola pública, uma vez que sempre foi enfatizado que, por estarmos numa universidade pública, nosso maior compromisso deveria ser com os problemas e entraves presentes nesse tipo de escola.

Essa reformulação ocorrida na Pedagogia da Unicamp incorporou elementos comuns às críticas de diversos autores, quanto à forma de trabalhar a conexão entre teoria e prática nos cursos universitários.

Candau e Lelis (1994), na tentativa de buscar possíveis explicações para a

cisão entre teoria e prática em cursos de Pedagogia, retomam o referencial marxista, segundo o qual a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual é fruto do sistema capitalista de produção. Para essas autoras, a divisão do trabalho promove a separação entre teoria e prática, e isto influencia o campo educacional, fazendo com que surjam aqueles que são responsáveis apenas por pensar a educação, e aqueles que devem unicamente colocar em prática uma teoria sobre a educação.

Para Fávero (1992), que também analisa a relação entre teoria e prática, o estágio, que deveria ser o momento de uma maior integração entre os dois pólos da práxis, muitas vezes não tem cumprido essa função. A autora observa, quanto aos estágios, que "...embora, legalmente, ou em termos do discurso, o estágio curricular seja apresentado como elemento de integração entre teoria e prática, na realidade ele continua sendo um mecanismo de ajuste que busca solucionar ou acobertar a defasagem existente entre elementos teóricos e trabalhos práticos." (p. 64) (Grifo Nosso)

Dessa forma, foi implantada em nosso Curso de Pedagogia uma nova proposta, que visou superar os problemas acima levantados, na direção de fazer da Pedagogia um Curso em que realmente houvesse integração entre teoria e prática, e que proporcionasse um saber crítico aos seus alunos.

Entretanto, comparando-se a forma como os alunos sentiram a implantação das disciplinas "práticas" e, em especial as PPPs, com a proposta idealmente formulada, e aqui materializada pelas ementas do eixo prático, percebemos que essa implantação não ocorreu sem problemas.

As disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica e as demais disciplinas do eixo prático, ao possibilitarem o contato com a escola, e o estabelecimento de pontes entre teoria e prática, deveriam constituir-se num espaço em que esse trabalho efetivamente ocorresse. Todavia, inúmeros sujeitos desta pesquisa, que foram alunos dessas disciplinas, afirmam que houve sérios problemas na implementação das propostas dessas disciplinas.

Ao retomarmos os depoimentos, encontramos os seguintes trechos que explicitam a existência de dificuldades:

*"...as disciplinas do eixo prático (...) pouco auxiliaram no momento de atuação prática, ou seja, não se efetivaram a nível dialógico diante das necessidades da realidade prática trazidas pelos alunos. Teoria e prática ficaram isoladas. Esta*

*nas escolas e aquela na universidade.” (E1)*

*“Compreendo que a relação teoria-prática deva ser uma inter-relação pois elas se entrecruzam, se influenciam mutuamente. Sinto não ter percebido isso funcionar em todo o percurso de minha formação.” (E6)*

Conforme escrito nas ementas, o eixo prático da Pedagogia tem um forte caráter interdisciplinar, e em que as disciplinas deveriam ser utilizadas para que os alunos, a partir do contato com a escola, realizassem levantamentos de temas geradores que fossem discutidos com os professores das demais disciplinas de cada semestre. Na verdade, segundo muitos entrevistados, o contato com a escola ocorreu, e foram desenvolvidas pesquisas sobre temas retirados do contato com a realidade escolar, entretanto o diálogo com as demais disciplinas não ocorreu a contento, o que prejudicou, segundo eles próprios, o trabalho interdisciplinar.

Seis entrevistadas observaram que os dados foram trabalhados unicamente nas disciplinas do eixo prático, e que as demais disciplinas não tomavam conhecimento dos dados coletados, e que não houve integração entre os trabalhos do eixo prático e o das demais disciplinas. Apenas uma aluna fez uma ressalva, dizendo que no semestre em que foram oferecidas as didáticas específicas, que estão localizadas no quinto semestre da Pedagogia, houve maior intercâmbio entre os alunos e os professores da áreas de seu interesse. Assim para a entrevistada E5 *“...as outras disciplinas nem tomavam conhecimento do trabalho desenvolvido no eixo prático, aliás, acredito que aí esteja uma das grandes falhas do nosso curso.”* A entrevistada E10 relatou que *“Nas disciplinas outras, os dados coletados nunca foram trabalhados. Apenas realizava, para mim mesma, uma tentativa de associação da teoria que os professores falavam com o que havia vivenciado na escola.”*

A partir do exposto podemos inferir que o contato com a escola, ou seja, as informações e problematizações retiradas desse contato, foram utilizadas quase que só nas disciplinas do eixo prático, sendo que as demais disciplinas ficaram distanciadas do trabalho realizado neste eixo; isto inviabilizou o estabelecimento da interdisciplinaridade, do trabalho conjunto entre os professores e os alunos de cada semestre. As metodologias de pesquisa e construção do conhecimento, e os conteúdos epistemológicos de cada uma das ciências, que contribuem para a formação do corpo teórico da Pedagogia, não foram discutidos entre professores e alunos dessas disciplinas.

Nós mesmos, enquanto alunos dessas disciplinas, sentimos que o trabalho dos dados coletados se dava somente no eixo prático. Havia uma total desvinculação do nosso trabalho na escola, com as aulas ‘teóricas’ de filosofia, psicologia, e sociologia, apesar de termos realizado um esforço próprio a fim de estabelecer essas ligações. Isso, acreditamos, empobreceu nosso trabalho pois, se tivesse ocorrido a interlocução entre as disciplinas, poderíamos ter utilizado melhor as teorias para iluminar nossa prática na escola, e poderíamos ter utilizado sistematicamente esta mesma prática para validar ou refutar teorias. Como resultado dessa conjuntura, muitos conteúdos vistos foram esquecidos, uma vez que não foram relacionados com o real, e com as construções teóricas das diferentes disciplinas.

Dessa forma, o contato com a prática das escolas contribuiu para sua formação, entretanto poderia ter sido melhor empregado, caso tivesse havido uma relação dialógica entre as diferentes disciplinas de cada semestre.

Nos relatos das alunas surgiram outros problemas na implementação das disciplinas chamadas "práticas", e problemas estes que prejudicaram o desenvolvimento de suas pesquisas e, conseqüentemente, a apreensão da prática presente nas escolas.

Entre os problemas enfrentados pelas alunas destacam-se ainda os referentes à orientação recebida para o trabalho junto às escolas; a deficiência no trabalho em sala de aula dos dados coletados na escola, que se traduziu por falta de discussões em sala, ou mesmo, em diferentes momentos, pela ausência total de trabalho dos dados pelos professores.

*"Senti falta de uma boa orientação (...) pois eu ministrava aulas e sentia bastante dificuldade em conduzir o trabalho pedagógico." (E 6)*

*"...a orientação do professor foi muito fraca e superficial. Não havia um retorno do nosso trabalho; vejo que o estágio ficou a cargo de cada aluno." (E 12)*

*"Nas disciplinas do eixo prático, o trabalho reduziu-se a apresentações em seminários para a classe." (E5)*

*"...as outras disciplinas nem tomavam conhecimento do trabalho desenvolvido no eixo prático, aliás, acredito que aí esteja uma das grandes falhas do nosso curso." (E5)*

Outra grave constatação que fizemos neste trabalho, diz respeito à forma como as teorias educacionais apreendidas na universidade, pelas alunas, influenciam

em seu processo de conhecimento da escola. As afirmações das alunas sobre os esclarecimentos proporcionados pelas contribuições teóricas são inquietantes, uma vez que relatam a existência de um verdadeiro **divórcio entre teoria educacional e prática escolar**. Abaixo seguem-se afirmações das alunas sobre as teorias produzidas e veiculadas pela universidade.

*“...tem algumas teorias que discordo e pude perceber que na prática não são funcionais.” (E2)*

*“...é no estágio que podemos vivenciar que a teoria muitas vezes se distancia da realidade.” (E8)*

*“...o estágio contribuiu para ver como a teoria sozinha não é nada.” (E7)*

*“Através do estágio é possível colocar os pés no chão e ver que muitas teorias são irrelevantes perante a realidade concreta.” (E14)*

Diante dessas afirmações, acreditamos que se faz necessário um questionamento por parte dos pesquisadores na área de educação, a respeito de como essas teorizações vem sendo realizadas; e também urge que verifiquem se é, realmente, com base na realidade da escola que essas teorias educacionais vêm sendo produzidas... A escola que temos necessita de respostas para os enormes entraves que enfrenta quotidianamente, e as teorias podem caminhar, auxiliando na concretização dessas respostas; entretanto, para que tal possa ocorrer, tais teorias precisam ter como contraponto a própria escola e toda a gama de relações que a envolvem.

Fato interessante o de que, apesar de terem sido apontados inúmeros problemas no curso de Pedagogia, as alunas relataram que o contato com a escola foi positivo no sentido de uma melhor apreensão da realidade dessa escola. Talvez porque as alunas tenham conseguido estabelecer por si próprias algumas relações entre a realidade observada e a teoria aprendida na universidade.

Aparentemente, essa contradição pode ser explicada pela diversidade de professores existente na Faculdade e, sendo assim, pelos diferentes níveis qualitativos dos trabalhos por eles desenvolvidos. Lembremos o depoimento da professora P6 em relação às PPPs; ela relatou que essas disciplinas *“...de fato, em muitos casos foi a ‘casa da mãe Joana’.* E os alunos podem comprovar isso. (...) *As experiências foram as mais diferentes. Tive alunos tiveram uma experiência em PPP I e II com continuidade. Foi uma mesma professora, que seguiu um processo que teve início, meio e fim, e que no terceiro semestre, em PPP III, entrou uma*

*professora que disse que tudo que eles tinham feito era bobagem, e que aquilo não era pesquisa em educação. Eu peguei uma turma revoltadíssima no quinto semestre, com EP 375. E isso foi uma coisa que aconteceu várias vezes, inclusive com atitudes antiéticas, de um professor não respeitando a concepção do outro...”*

Assim, é importante frisar que, embora tenha sido implantada uma nova proposta na Pedagogia, a partir de 1993, buscando relacionar desde o início do Curso a teoria e a prática, a estrutura implantada parece não ter garantido melhoras significativas na qualidade do curso. Este é um dado importante, e que podemos perceber pelos próprios depoimentos relacionados anteriormente, e a partir dos quais pode-se perceber a existência de diferentes problemas, como: a falta de interdisciplinaridade; a pouca ou nenhuma relação entre as teorias e a prática vivida e observada na escola, a falta de discussão dos dados em sala de aula.

Embora concordemos com o fato de que as alunas, ao expressarem sua consciência sobre os problemas vividos no curso, demonstrem com isso que o mesmo lhes proporcionou um pensar crítico sobre a educação e sobre a sua própria formação, não podemos aceitar que estas afirmações das alunas venham negar os problemas mencionados por elas mesmas...

Acreditamos que se faz necessário discutirmos, também, a questão da especificidade do curso de Pedagogia. Para nós essa é uma questão crucial neste trabalho, uma vez que ficou evidenciado em muitos dos relatos dos professores entrevistados que, durante a implantação do novo currículo da Pedagogia da Unicamp, em 1993, houve muita discussão e falta de entendimento quanto à linha de trabalho que deveria ser adotada nas disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, as PPPs. A partir do item - Análise das Respostas dos Professores, percebemos que uma das possíveis causas dessa confusão pode ter sido a discordância entre os professores, quanto às suas concepções de pesquisa em educação, e possivelmente, de discordância em relação ao próprio conceito de qual é o profissional que deve ser formado pelos Cursos de Pedagogia. A discordância quanto ao como trabalhar as disciplinas do eixo prático, também parece evidenciar que houve diferenças na concepção sobre como o contato com a escola pública deveria contribuir para a formação dos pedagogos - um claro exemplo dessa afirmação está no fato de que alguns professores, segundo relatos de alunos, não

privilegiaram o contato dos alunos com a escola, e em muitos casos nem trataram das implicações desse contato em suas aulas.

Em nossa busca de aclarar essa questão, encontramos em Freitas (1994) a definição de ciência pedagógica que melhor traduz nossa concepção sobre o tema.

O autor observa que a Pedagogia é uma ciência de caráter prático, e afirma que “A pedagogia é uma disciplina prática, aplicada.” (p. 81) Ele continua desenvolvendo sua concepção sobre a pedagogia, e relata ainda, que para entendermos a verdadeira identidade da pedagogia, não podemos perder de vista o relacionamento dessa ciência com as outras ciências que a apoiam no plano epistemológico, tais como a Sociologia, a Filosofia, a Psicologia, entre outras. Contudo, Freitas nos adverte para o perigo de considerarmos a Pedagogia como simples soma de outras disciplinas, não tendo si mesma uma especificidade. O autor, citando a tese do Instituto Central de Ciências Pedagógicas da Rússia, relata que “A pedagogia estuda o processo educacional em sua totalidade e em sua especificidade qualitativa. Uma particularidade essencial da Pedagogia consiste em que ela não é uma simples soma dos resultados das outras ciências. Ela reelabora tais resultados de tal forma que contribuam para esclarecer os diferentes componentes, relações e generalidades do processo educacional...”

Poderíamos, a partir da idéia de que a Pedagogia utiliza os conhecimentos de outras ciências para compreender seu objeto de estudo, acreditar que a Pedagogia não possui uma teoria própria que a embasa enquanto ciência. Entretanto isso não é correto, e mais uma vez recorremos a Freitas, que esclarece esta questão, enfatizando que “A ausência da especificidade epistemológica não implica em acefalia teórica. Como aponta Schimied-Kowarzik: “A relação entre teoria e prática é a mais fundamental da Pedagogia. Precisamente por isso ela aparece em todos os seus campos...” (p. 83)

Dessa forma, conforme o referencial adotado, podemos concluir que Pedagogia é uma ciência de caráter prático, que se utiliza dos conhecimentos de outras ciências para compreender o objeto de estudo que lhe é próprio, ou seja, o processo educacional em sua totalidade. Podemos ainda entender que a **Pedagogia**, ao invés de não possuir um referencial teórico próprio, compreende diferentes relações e conhecimentos e, dentre eles, **a relação mais fundamental é a própria relação teoria-prática.**

Com base nessas idéias, acreditamos que a relação entre teoria e prática deve ser aquela em que deve se fundamentar todo o trabalho nos cursos de Pedagogia. O profissional da educação deve ter habilidades que lhe permitam realizar competentemente conexões entre a teoria e prática por ele vivida em seu cotidiano, sendo essa característica condição de qualidade de seu trabalho. Disso decorre a importância de haver no currículo da Pedagogia, ou um espaço curricular - disciplinas, como foi o caso da Pedagogia da Unicamp, a partir de 1993 - ou, o que seria melhor, a preocupação constante dos professores das diferentes disciplinas em relacionar os conhecimentos teóricos que lecionam, com a prática pedagógica da escola, e com os conhecimentos teóricos e metodológicos das outras disciplinas dadas em cada semestre do curso.

Alguns professores entrevistados concordam com essa forma de conceber a construção do curso de Pedagogia; a necessidade de conexão entre teoria e prática vai então se materializando nos depoimentos. Assim, temos:

*"Eu acredito que um pedagogo para as séries iniciais tem que ter uma sólida formação teórica (...) que deve ser das ciências da educação, mas deve estar voltada para o objeto da Pedagogia que é a organização do trabalho pedagógico..."* (P 6) E essa mesma professora afirmou: *"Porque nós temos um objeto extremamente complexo e em construção, e essa formação teórica só vai ter sentido se 'colada' com a prática..."* Outro entrevistado apontou, sobre o curso de Pedagogia: *"Eu acho que um curso de formação como o nosso tem que dar condições do aluno entrar em contato com a escola pública. Que dê a possibilidade dele repensar o conjunto de questões que ele traz da escola pública, à luz de uma filosofia, de uma sociologia, de uma psicologia, de uma história, e de uma didática, ou seja, de um pensamento sobre ensinar (...) e que exercite isso na construção de práticas pedagógicas."* (P3)

Além da importância conferida por alguns professores à relação teoria-prática, surgiram conforme está descrito no item Análise das Respostas dos Professores, diferentes formas de enxergar a formação do pedagogo, e de encarar as especificidades desse profissional. Dentre as características apontadas como fundamentais naquele item, estão o domínio de técnicas de práticas de ensino, ou seja, formas de ensinar; habilidades para ser um administrador educacional; cursos de oratória, expressão corporal, trabalhos manuais, e afins; formação atrelada aos acontecimentos atuais, que lhe dêem possibilidade de analisar a conjuntura atual, e

que assim seja capaz de fazer as suas opções de projeto político que deseja construir; ser capaz de humanizar as relações interpessoais.

Essas habilidades do professor nós as consideramos importantes para a implementação de suas práticas, entretanto acreditamos que a questão mais fundamental da sua formação diz respeito à relação teoria-prática, conforme apontamos acima.

## 2. As sugestões dos Docentes da Pedagogia

O último tópico de questionamento dizia respeito às contribuições individuais, dos professores, sobre possíveis atividades que o aluno de Pedagogia poderia realizar no sentido de melhorar a sua compreensão sobre a escola pública.

A maioria dos professores entrevistados concluíram que as atividades realizadas no próprio estágio são as mais indicadas para possibilitar ao aluno um melhor entendimento sobre as questões referentes ao ensino público.

Duas das professoras inovaram, no sentido de apontarem como o estágio deveria ser implementado; segundo uma delas, a P8, quando o estágio é realizado de uma forma conjunta com a escola, e sendo um trabalho que busque integrar o professor da escola, ele pode ser de grande valia na formação do pedagogo. Essa entrevistada, ao falar sobre quais atividades ela indicaria, observou: *“Só tem um caminho: estar na escola pública, mas não para observar, criticar, denunciar, num movimento de aproximação ocasional. Estar na escola pública reconhecendo-a como um processo “em se fazendo”, inserir-se nesse processo através da atuação conjunta com os seus protagonistas, para, no movimento, entender os limites e brechas existentes na dinâmica da sua organização. Ou seja, não adianta ficar descrevendo e explicando a escola. Eu penso que temos que “viver” o trabalho pedagógico na escola real, cotidiana, limitada, contraditória, lacunar...E mais, viver este trabalho com as pessoas que produzem hoje na escola.”* (Grifo não nosso)

A pesquisa também foi apontada como forma de ampliação de conhecimentos sobre a escola pública; a professora P6 observou: *“Eu acho que a pesquisa mesmo. E*

*a pesquisa que começa como um observador e termina como pesquisa participante, pesquisa-ação. Eu acredito que pesquisa é fundamental para a formação de qualquer profissional e do nosso também...”* Para essa entrevistada, também urge que o Curso de Pedagogia inclua em sua grade curricular disciplinas que trabalhem com a arte, em suas diversas manifestações. Ela relatou: *“A gente tem que ter um curso menos escolástico, menos convencional, e com mais alunos mais ativos, com mais pesquisa, com mais prática, com mais arte, com mais corpo. Porque a gente ainda tem um curso muito acadêmico...”*

Uma última sugestão de atividades que poderiam ser realizadas pelos alunos foi mencionada pelo entrevistado P3. Conforme esse entrevistado, as férias dos alunos da Pedagogia poderiam ser utilizadas para implementar atividades de lazer com os alunos das escolas públicas, *“...com projetos de recreação. A gente tem condições de estruturar e propor isso enquanto instituição. É um espaço importante e que é pouco utilizado.”*(P3)

## V. EU, O ALUNO PESQUISADOR

Neste momento, acreditamos que seja necessário abrir um espaço para a exposição de minha posição sobre os problemas discutidos neste trabalho. Isto se faz necessário uma vez que também eu vivi o Curso de Pedagogia desta Faculdade de Educação e, passando por dificuldades semelhantes às dos sujeitos dessa pesquisa, construí minhas próprias concepções sobre tais dificuldades.

Com isso não quero dizer que somente agora minha opinião será expressa, e que até o momento as concepções do pesquisador foram ocultadas. Na verdade, o olhar do pesquisador esteve presente desde o início do trabalho de pesquisa, e também nas análises realizadas até aqui, e faz-se necessária a explicitação desse olhar sobre o Curso de Pedagogia, sobre os problemas neles vivenciados, e também sobre os dados coletados e discutidos neste trabalho.

Particularmente, acreditamos que o curso do qual fizemos parte compreendeu acertos, problemas e deficiências.

Na verdade, não podemos alimentar a idéia de que todas as disciplinas do curso conseguiram possibilitar uma formação crítica, em que as questões da educação estivessem claramente descritas e analisadas, em função do confronto entre a teoria e a prática... Afirmar isto seria um grande equívoco...

Entretanto, se houve falhas em nossa formação, é necessário buscar, nos vários momentos em que essa formação ocorreu, quais foram essas falhas. Não é interessante, nem produtivo, nos fixarmos na *crítica pela crítica*. É mais proveitoso procurarmos criticar com vistas a melhorar a situação do curso de Pedagogia.

Quanto à forma como se deu a relação teoria-prática em minha formação, acredito que ela foi satisfatória, apesar de terem ocorrido alguns problemas.

Desde o primeiro semestre do curso de Pedagogia, tivemos disciplinas que tiveram a função, pelo menos a nível teórico, de buscar conexões entre as teorias vistas na universidade, e a prática observada na realidade concreta das escolas públicas. Também se tentou, com essas disciplinas realizar um trabalho interdisciplinar, em que nessas disciplinas fossem levantados temas geradores, que depois seriam desenvolvidos pelos alunos, que deveriam, com a ajuda dos demais professores, buscar contribuições teóricas nas diferentes disciplinas de cada semestre.

Todo esse trabalho exigiria um contato constante dos professores de cada semestre entre si, e conjuntamente com os alunos; nesses contatos deveria haver discussões em função dos temas escolhidos e das formas de iniciar a pesquisa dos alunos junto às escolas. Os alunos deveriam ser ajudados pelos professores a desenvolverem seus trabalhos nas escolas.

Nas disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III, dadas para a turma A em 1994, esse trabalho interdisciplinar ocorreu, e de forma satisfatória. Podemos perceber isso comparando a ementa, transcrita abaixo, com as realizações naqueles semestres, descritas a seguir.

*Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III : "Espaço interdisciplinar destinado a fazer ponte com a realidade do aluno e a prática pedagógica das escolas, visando a análise global e crítica da realidade educacional. Debates com diversos profissionais buscando uma compreensão mais ampla da prática pedagógica. Iniciação científica através de pesquisas exploratórias na rede pública que conduzirão ao estágio final de curso. Este espaço também deverá ser utilizado para a integração horizontal das disciplinas dos semestres, cujos professores e alunos reunir-se-ão para debates de temas geradores."*

Seguindo a ementa, conseguimos realizar nossa iniciação na pesquisa em educação, conseguimos nos aproximar do principal objeto de estudo do pedagogo, que é a escola. Recebemos orientação satisfatória sobre como desenvolver nossos trabalhos de pesquisa. A professora que deu as três disciplinas de PPP buscou fazer um trabalho integrado com as demais disciplinas de cada semestre, fazendo-nos buscar as contribuições teóricas necessárias para o desenvolvimento de nosso trabalho, nas outras disciplinas teóricas que tínhamos.

Realizar esse trabalho nas três PPPs foi um processo extremamente árduo, uma vez que exigia dos alunos uma série de habilidades complexas, tais como: deveriam ter senso crítico quanto ao que observava na escola; exigia que tivéssemos contato com metodologias de pesquisa, que até então desconhecíamos (deveríamos nos aproximar da escola como pesquisadores, com olhar de pesquisador, e não mais com olhar de aluno, que vivenciou a escola como aluno). Deveríamos construir, naquele momento, qual era o próprio sentido da pesquisa realizada em educação (o motivo pelo qual é necessário fazer pesquisas em educação) e, porque não dizer, qual era o sentido do próprio termo educação, de educação escolar, do porque essa

educação é necessária aos homens e mulheres, qual é a função da educação na sociedade injusta em que vivemos, e tantas outras questões de caráter prático e filosófico em que pouco havíamos pensado até então.

Entretanto, se o trabalho foi árduo, tivemos a professora, que nos apoiou, apesar de nossas diferenças. Essa professora nos aceitou, com nossa falta de senso crítico, com nossos medos, inseguranças de alunos iniciantes, e cheios de “fantasmas” que éramos, e nos ajudou a nos iniciarmos nesse caminho extremamente complexo que é o de conhecer a escola. Foi importante o fato dela ter realizado o trabalho com as três disciplinas, pois assim houve um trabalho com continuidade, em que a mesma professora conseguiu incrementar o processo cada vez mais; e ela avançava na medida em que percebia que tínhamos condições de avançar em nosso percurso de construção de conhecimento. Esse contato prolongado permitiu que ela nos conhecesse melhor, e, que também nós, nos acostumássemos com sua forma de trabalhar e de pensar.

Conseguimos enxergar a escola de forma menos preconceituosa, e com mais clareza. Pudemos perceber que a teoria poderia nos auxiliar a enxergar melhor a prática da escola, e que com essa última poderíamos refazer teorias, construir nossos próprios conhecimentos sobre a escola. Conseguimos estabelecer nexos entre a teoria e a prática. Tentamos realizar um trabalho interdisciplinar, em que buscávamos, nas diferentes disciplinas teóricas, referenciais para podermos enxergar melhor a escola.

Todo o processo vivenciado nas PPPs fez com que nossa compreensão da escola fosse ampliada, e pudemos ver com mais clareza diferentes aspectos presentes nessa instituição. É importante lembrar que nessas disciplinas, houve um forte caráter de desmascaramento das diversas facetas da escola, principalmente de seus processos de exclusão; os textos abordados quase sempre tiveram a intenção de mostrar aos alunos o quanto suas concepções sobre a escola estavam equivocadas; por exemplo, o fato de muitas acharem que toda a escola pública era uma “porcaria”, e que não havia nada de mais em os alunos chamarem as professoras das séries iniciais de tia.

Já no quarto semestre do curso, não fomos mais à escola, e tivemos, em Metodologia do Ensino do Primeiro Grau (a quarta disciplina do eixo prático), um trabalho mais teórico, em que buscamos teorias sobre a metodologia de trabalho na escola, e em que foram trabalhados assuntos que nem sempre tiveram como enfoque a prática por nós vivida na escola nos três semestres precedentes. Houve então uma

quebra no estabelecimento de relações entre a teoria e prática, e na tentativa de realizar um trabalho interdisciplinar. A seguir é transcrita a ementa dessa disciplina, e através de comparação se poderá perceber como o trabalho desenvolvido se distanciou da proposta original. A ementa de Metodologia do Ensino de Primeiro Grau diz: *"Trabalho de campo orientado para o diagnóstico dos componentes metodológicos envolvidos na prática educativa das escolas públicas de Primeiro Grau, procurando analisá-las no conjunto das determinações mais amplas a que estão submetidas. Numa perspectiva integrada à área de magistério, propor reflexões a partir da prática nas escolas, a serem encaminhadas para as metodologias específicas visando a continuidade do trabalho. Esta disciplina articula-se com os projetos e estudos desenvolvidos em Pesquisa e Prática Pedagógica I, II, e III."*

Assim, nessa disciplina de Metodologia do Ensino, as conexões entre teoria e prática que vínhamos realizando até então foram estagnadas; o professor estava mais interessado em discutir concepções de avaliação, formas de planejar o ensino, o que tem importância, contudo essas discussões ficaram um pouco "descoladas" da realidade, pois não mais íamos à escola. Isso infelizmente não contribuiu muito para nossa formação.

Na disciplinas que se seguiram à Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, que foram a Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado, voltamos a ir para a escola, tendo com ela um contato mais sistemático e freqüente. As ementas dessas disciplinas, apresentadas a seguir, foram seguidas em sua totalidade.

Prática de Ensino de Primeiro Grau: *"Planejamento, desenvolvimento e avaliação dos projetos de ensino envolvidos nas práticas educativas de Primeiro Grau (1ª a 4ª séries). Essa disciplina articula-se com as disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica, e Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, dadas nos semestres anteriores. Constitui espaço para tratamento interdisciplinar das didáticas oferecidas simultaneamente a ela."*

Estágio Supervisionado de Primeiro Grau: *"Esta disciplina é seqüência da Prática I e destina-se ao planejamento, desenvolvimento e avaliação dos projetos de ensino envolvidos na prática educacional de Primeiro Grau (1ª a 4ª séries.)"*

A carga de estágio dessas disciplinas era bem maior que a das PPPs. Quanto à forma como foi trabalhada a relação teoria-prática, é importante dizer que foi

bastante semelhante à forma de trabalho das PPPs, pois: existiam cadernos de campo para registro dos dados que cada aluno considerava relevante; havia retorno da professora, que nos orientava quanto às leituras que deveríamos fazer para entender melhor nosso objeto de estudo na escola; como nas PPPs, houve seminários em que os alunos apresentavam suas pesquisas, dados coletados, dúvidas, angústias, aproximações teóricas, que eram buscas de se relacionar a teoria lida com os dados observados, na tentativa de clarear o que observávamos, e se possível, construirmos novos conhecimentos sobre os temas de nossas pesquisas; trabalho de textos em aula, principalmente de caráter sociológico e que buscavam clarear aspectos comuns às escolas da sociedade capitalista - foi bastante enfatizada a leitura marxista sobre a escola e suas relações, destacando-se o texto de Mariano Enguita (1989), denominado **A face oculta da escola**. Também houve tentativa de se realizar um trabalho interdisciplinar, que consistia em que os alunos procurassem os professores da Faculdade que tivessem afinidades com os temas que estávamos pesquisando na escola, ou, mais precisamente, com as matérias que havíamos escolhido para trabalhar na escola - podíamos escolher qualquer dos componentes curriculares e trabalhar com eles na sala de aula.

Dessa forma, conseguimos estabelecer relações entre teoria e prática nessas duas disciplinas, e fomos cada vez mais entendendo os mecanismos presentes na escola, a sua forma de organização, de 'passar' o conhecimento, de enxergar o aluno; sempre se tentou juntar teoria e prática, buscando ver em que aspectos uma ajudava a entender melhor a outra.

Ao lado desses pontos positivos e negativos do curso, até agora levantados, existem outras questões que se colocaram a partir da vivência na Pedagogia da Unicamp, tais como: as teorias vistas na universidade são, em muitos casos, afastadas da realidade da escola, ou seja, a teoria apresenta deficiências quanto às suas possibilidades de interpretação e explicação da escola; o insuficiente esforço dos professores das disciplinas "teóricas" em nos fazerem entender, com base nas teorias, a realidade da instituição escola; o **enorme desconhecimento de alguns professores da Pedagogia com relação à escola**.

Buscando resumir quais foram as contribuições do Curso de Pedagogia para minha formação, chego às seguintes conclusões: consegui enxergar melhor a instituição escola, conseguindo compreender os nexos entre escola e sociedade, e

entendendo os processos de exclusão que nela ocorrem; tive uma formação teórica sólida no que se refere à interpretação da escola; consegui apreender formas de se relacionar teoria e prática; conheci diferentes metodologias de pesquisa em educação; aprendi pelo absurdo - ou contra exemplo - ou seja, em muitas disciplinas aprendi como não me portar dentro de uma sala de aula enquanto professor e educador; pude perceber como a escola pode ser manipulada pelas esferas do poder - na verdade, a manipulação parece se dar muito mais em função do que não se faz pela educação, isto é, do descaso, do que em função do que foi determinado no passado e no presente, pelas novas leis e diretrizes que foram estabelecidas recentemente pelos órgãos oficiais; pude perceber o quão perversa é a nossa sociedade, e o quanto ela modela as opiniões das pessoas; a forma sórdida como ela cria e dissemina modelos autoritários de comportamento e conduta, e também como ela se utiliza da escola para propagar esses modelos.

Um outro aspecto negativo, que muito chamou a atenção, foi a desmotivação com que os alunos com os quais tive contato reagiram às diferentes situações possibilitadas pelo Curso de Pedagogia. A descrença em mudanças quanto aos problemas que elencamos, aliada às dificuldades do curso em aliar teoria e prática, certamente foram os fatores preponderantes para essa reação apática dos alunos.

Acreditamos que a descrença e a apatia, que podemos ser tentados a sentir frente a essas dificuldades, não devem nos dominar. Uma atitude mais produtiva talvez esteja em, a partir da crítica, buscar formas de solução para tais entraves. Esperamos que este trabalho, ao ter buscado tratar questões fundamentais da Pedagogia venha contribuir para se ter um conhecimento mais amplo sobre a realidade da Pedagogia da Unicamp e também com estudos futuros, os quais visem a reais avanços na complexa questão da formação dos professores.

## VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho de pesquisa, objetivamos conhecer a forma como o estágio realizado em escola pública, desde o início do curso, contribuiu para a formação do pedagogo, ou seja, como a estrutura curricular implantada em 1993 influenciou na formação dos alunos e alunas ingressantes na Pedagogia da Unicamp, nos anos de 1993 e 1994. Também foi compreendido por este trabalho, devido à importância deste tópico, a sondagem das concepções dos professores da FE da Unicamp, sobre a formação dos pedagogos que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental, bem como a coleta de sugestões de atividades que, melhorando a formação dos alunos desta Faculdade, lhes proporcionaria ampliar sua compreensão sobre a escola pública.

A partir dos dados coletados e das análises realizadas, pudemos perceber que o estágio foi considerado importante pelas alunas, principalmente por ele ter aproximado as mesmas do seu futuro campo de trabalho, que muitas consideraram como sendo a escola. Entretanto, com relação aos estágios iniciais e ao supervisionado, muitas entrevistadas apontaram diversas falhas, as quais, na maioria das vezes remetem à forma como teoria e prática foram trabalhadas no curso. As alunas mostraram uma visão crítica com relação ao curso, e com isso demonstraram que a Pedagogia, apesar de possuir inúmeras falhas, mencionadas pelas alunas - e falhas estas que nós mesmos tivemos a oportunidade de vivenciar enquanto aluno do mesmo curso - proporcionou a elas uma visão crítica sobre sua própria formação e sobre a escola pública.

Com relação às concepções dos docentes da FE da Unicamp, sobre o educador para as séries iniciais do Ensino Fundamental, muitos centraram-se na importância da formação teórica que, aliada ao contato com a escola, permitam ao pedagogo rever a prática pedagógica das escolas, visando com isso a sua transformação. Também chama a atenção a importância conferida por dois docentes às manifestações artísticas e corporais, que o Curso de Pedagogia não tem trabalhado, e que são importantes habilidades que o educador das séries iniciais deve possuir.

Quanto às atividades que poderiam ser desenvolvidas na Pedagogia a fim de

que os alunos pudessem aprimorar sua compreensão sobre a escola, alunos e professores apontaram como de fundamental importância as atividades realizadas no eixo prático, ou seja, no momento do confronto entre teoria aprendida e a prática observada e vivenciada na escola. E é sobre as atividades realizadas nos estágios iniciais e no estágio supervisionado que os alunos e professores centram suas sugestões de melhoria do curso.

Conforme fora dito no Capítulo III - Análise dos Dados, os problemas vivenciados e relatados pelas alunas de Pedagogia que foram sujeitos dessa pesquisa, em muito se aproximaram dos apontados pelos trabalhos de Silva (1990) e Freitas (1996), que analisaram depoimentos de alunas que vivenciaram o currículo antigo da Pedagogia, ou seja, o currículo que vigorou antes de 1993, ano em que uma nova proposta de Curso e de currículo foi implantada.

Poderíamos, de posse dessa informação, questionarmos o porque de as queixas se repetirem ano após ano, e permanecerem até o momento presente, mesmo tendo sido a Pedagogia reformulada em 1993, e buscado com esta reformulação, terminar com a dicotomia entre teoria e prática, que foi, e é um problema tão sucessivamente apontado pelos estudantes de Pedagogia.

Buscando encontrar uma possível resposta a este questionamento, poderíamos dizer que pouco foi efetivamente realizado com o intento de superar as dificuldades. Entretanto, sabemos que toda uma estrutura do Curso de Pedagogia foi reformulada com vistas a superar os problemas existentes, e que houve por parte de diferentes docentes a intenção, e conseqüente ação, no sentido de modificar uma situação estabelecida. Então, por quê, na visão das alunas de Pedagogia, os problemas ainda persistem?

Talvez isto ocorra, conforme observou uma professora entrevistada, pela dificuldade dos professores em realizarem um trabalho em conjunto, em que os problemas sejam efetivamente discutidos pelos professores, num curso em que o trabalho coletivo efetivamente aconteça. Outra hipótese talvez seja a levantada por essa mesma professora, para a qual as disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica I, II e III são extremamente demandantes, e que o docente, frente a esta circunstância e ao acúmulo de atividades, não tenha condições de realizar o trabalho tal como ele é idealizado...

Estas são apenas hipóteses acerca dos elementos desencadeadores dos

problemas, e o questionamento acima deve ainda persistir; na verdade acreditamos que este trabalho, de forma alguma buscou encontrar todas as respostas para as dificuldades levantadas. Nossa intenção foi a de poder contribuir para novas reflexões e questionamentos sobre os graves problemas pelos quais passa a formação dos educadores brasileiros, e para que assim, se possa caminhar na direção de novas práticas pedagógicas, as quais propiciem ao educador a possibilidade de realizar sua prática coerentemente com o projeto de sociedade que ele deseja construir.

## VII. BIBLIOGRAFIA

ARROYO, M. G. **O estágio supervisionado como alternativa à melhoria do ensino.** Rio de Janeiro, 1987, (mimeo).

BOLETIM DA PEDAGOGIA, n.º. 3, FE/ UNICAMP. mai. 1992. p.- 8.

CANDAU, V. M. e LELIS, I.A. A relação teoria-prática na formação do educador. In CANDAU, V. M. **Rumo a uma nova didática** Petrópolis: Vozes, 1994, 6ª ed.

ENCONTRO NACIONAL, VI, ANFOPE, 1992, Belo Horizonte. **Documento Final** [Sn.] 34 p.

ENGUITA, M. **A face oculta da escola.** (trad. de Tomás Tadeu da Silva). Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FÁVERO, M. de L. **Análise das práticas de formação do educador: especialistas e professores.** REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, 1987.

---

\_\_\_\_\_. **Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão.** In. ALVES, Nilda (org.) **Formação de professores: pensar e fazer.** São Paulo: Cortez, 1992.

FAZENDA, Ivany C.A. "Uma nova abordagem do estágio nos cursos de pedagogia." In **Um desafio para a didática.** São Paulo: Loyola, 1988.

FONTANA, Rosely Cação. **A co-participação como princípio orientador do estágio supervisionado na formação de professores.** (Texto apresentado no I Encontro Nacional de Estágios – Curitiba – Ago. 1997.). Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. (mimeo).

FRANCO, M.L.P.B. e BALLETTA, A.A.A. de O. **Cursos de Pedagogia: o que oferecem e como são avaliados pelos alunos.** CADERNOS DE PESQUISA, 1979, 30p.; p. 65-78.

**FREITAS, Helena Costa Lopes de. O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios.** Campinas: Papirus, 1996.

**FREITAS, Luiz Carlos. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.** Campinas: FE da UNICAMP, 1994, (Tese Livre Docência - Área de Metodologia do Ensino - Teoria Pedagógica).

**GERALDI, Corinta M. G. Produção do Ensino e Pesquisa na educação.** Campinas: FE da UNICAMP, 1993, (Tese de Doutorado - Departamento de Metodologia de Ensino).

**GOUVEIA, Mariley S. F. Pesquisa e prática pedagógica: a relação teoria e prática na formação inicial e continuada de professores.** Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1997. (mimeo).

**PIMENTA, S.G. O estágio na formação de professores: unidade teoria-prática.** São Paulo: Cortez, 1994.

**SILVA, Ezequiel Teodoro. Avaliação do Curso de Pedagogia da UNICAMP: as expectativas e percepções dos alunos.** Campinas, set. de 1990, Laboratório de Magistério, (mimeo).

**VAZQUEZ, A.S. Filosofia da Práxis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, 2ª ed.